

DEFESA DESPINHO

Quinta-feira, 3 de setembro de 2020 | Edição n.º 4609 · Ano 88 · Semanário · Diretor Lúcio Alberto · defesadeespinho.pt · Preço: €0,70 (c/IVA)

“Estou bastante ligado às gentes vareiras”

Eliseu Pinto
p14 e 15



Pandemia revoluciona os lares, isola mais os idosos e instala o medo

A Covid-19 trouxe muitos desafios aos lares e mudou toda a forma de funcionamento. Seguindo as indicações do Governo e da Direção-Geral da Saúde, as instituições do concelho tiveram que se adaptar, ajustar acompanhamento aos utentes e fazer de tudo para que o vírus não penetre nas instalações. Apesar do medo estar sempre presente, o futuro é encarado com pensamento positivo! **p4, 5 e 6**



Pessoas & Negócios.

“O projeto educativo da ESPE assenta em alguns objetivos que fazem dela um exemplo do ensino profissional”, sublinha Sofia Oliveira Martins, filha do mentor que ergueu e solidificou um sucesso educativo e formativo **p13**

“Cadernos d’ Espinho”

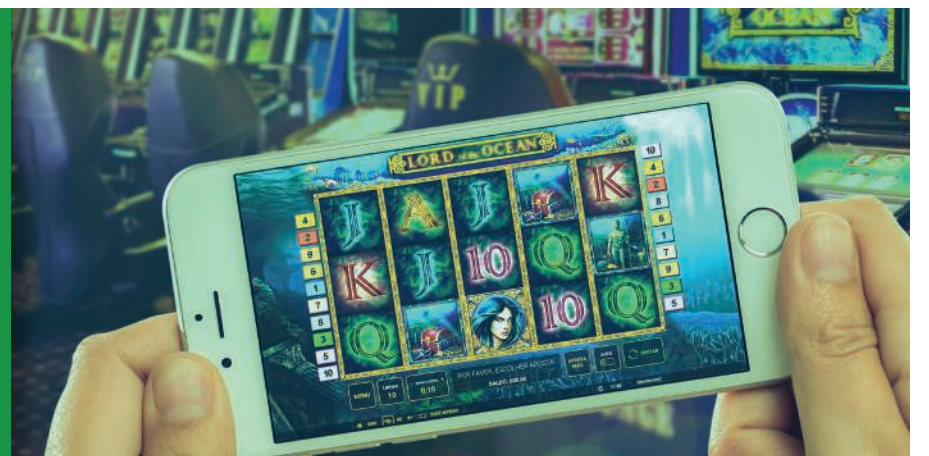
“O Cineteatro S. Pedro era uma sala capaz de nos remeter para a mais profunda intimidade, apesar de ser uma sala imponente”, enfatiza Mário Augusto, anunciando o sexto volume subordinado ao tema do cinema **p18**



CASINOSOLVERDE.PT

Os melhores jogos de casino,
também online!

18+ SEJA RESPONSÁVEL. JOGUE COM MODERAÇÃO.



visto daqui



EDITORIAL
Lúcio Alberto

Brincar na rua e dar azo à imaginação

Talvez seja um defeito latino, ou até peculiarmente português, dizer mal por tudo e por nada e o que é nosso não presta e o que é feito pelos outros é que é bem feito, ou que os outros é que sabem e nós nada sabemos... Ainda recentemente uma destacada figura da comunidade local lamentava na antecâmara de uma entrevista que alguns ou muitos (consoante a perspetiva de cada um) espinhenses dissessem tão mal de Espinho, num bota-abaxo constante e gratuito, independentemente dos ciclos temporais, transversal às alternâncias políticas, sociais, culturais, desportivas e recreativas. Ora são as crónicas de escárnio e maldizer, ora são as opiniões fortuitas ou intencionalmente programadas.

Em Espinho, como no país ou noutra qualquer além-fronteiras, há bons e maus exemplos e outros assim-assim.

A crítica (ou a observação) deve ser construtiva e imbuída de um espírito positivo e um conceito de valorização. Espinho tem registos exemplares e adequados aos requisitos da qualidade de vida do presente e do futuro que se aproxima, mas também carece de outras mais-valias e necessidades.

Num mero exercício aleatório dir-se-ia que as crianças de hoje têm uma panóplia de ofertas e equipamentos de entretenimento que as de ontem não tinham e muito menos as de outros tempos longínquos. As novas tecnologias proporcionam-lhes atrativos que as crianças de outrora não dispunham. Atualmente há mais parques infantis, mas dantes as crianças desfrutavam de mais espaços livres e até da rua para jogar à bola ou à patela e ao pião no passeio e no quintal. O desenvolvimento urbano e a transformação socioeconómica (resultante de necessidades e exigências de diversa índole) também alteram as vivências e limitam o recreio da rua.

Todavia, afigura-se (evitando-se o termo urge) criar, com os devidos parâmetros de viabilidade e segurança, espaços e iniciativas ao ar livre para as crianças, sem descuidar o universo dos parques infantis.

Por exemplo, o programa "Brincar de Rua", sediado em Leiria, planeou uma ação para dar resposta, em tempo de pandemia, à necessidade infantil de devolver a rua e o tempo de exploração e socialização ao ar livre, com espaço para as crianças serem ativas e brincarem livremente de forma segura.

Os mentores do projeto argumentam que brincar na rua é uma resposta vital para as crianças de hoje, a maioria das quais passa tempo excessivo em frente a ecrãs, um sério problema responsável por perturbações do sono, birras, obesidade e dificuldades de concentração, entre outras.

Acresce constar que o sedentarismo não é aconselhável para adultos (e idosos, mas também não é recomendável a atividade sedentária das crianças. Resta avaliar se é possível "brincar na rua" em Espinho...

DESTAQUE

4, 5 e 6 | Com medo e apreensão, lares de Espinho continuam a trabalhar para que não existam tragédias nas instituições

São o abrigo da população mais vulnerável à doença e tiveram, de um momento para o outro, que reformular as regras da instituição. Alguns dos lares do concelho estão, desde o início da pandemia, a trabalhar para evitar que a doença os afete

4500-ESPINHO

7 | Ano letivo nas escolas terá início a 17 de setembro

Agrupamentos preparam medidas excecionais com desfasamento em horários e nos intervalos para evitar aglomerados de alunos

8 | Requalificação da Rua 19 entre o limite nascente do concelho e a Rua 22

A promoção do uso ciclável e pedonal, a requalificação do espaço público, a criação de espaços verdes, uma melhor e maior acessibilidade e mobilidade urbana são os grandes objetivos da empreitada

4500-FREGUESIAS

9 | Ninhos de vespas aniquilados em Paramos

OPINIÃO

11 | "Mulheres e crianças primeiro. Os velhos ficam para o fim" – Cláudia Brandão

PESSOAS & NEGÓCIOS

13 | Três décadas da ESPE – Escola Profissional de Espinho

"A taxa de empregabilidade dos nossos cursos é elevada, embora variável, com especial destaque para o nosso curso profissional de Mecatrónica, cuja taxa de empregabilidade é de 100%, tanto a nível regional, como nacional e mesmo internacional" – Sofia Oliveira Martins

DEFESA-ATAQUE

14 e 15 | Entrevista: Eliseu Pinto

"Eu sentia-me muito bem no Sporting de Espinho. Tive a felicidade de pertencer ao longo de nove anos a grupos excecionais de atletas, treinadores e dirigentes. Devo dizer que por força dos bons momentos que passei aqui enquanto jogador posso considerar que esta terra também é minha"

16 | Desnorteados assinalam 30 anos

Desencontros com algumas direções dos tigres mas um grande amor ao Sporting de Espinho

OFF

17 | Sugestão de enoturismo para um bom fim-de-semana

Setembro é por excelência o mês das vindimas

18 | Sexto volume dos "Cadernos d'Espinho" dedicado ao cinema

19 | Coletânea de poesia e lendas luso-galaicas

Compilação de Ester de Sousa e Sá e prefácio de Manuela Aguiar

feira semanal

Factos e figuras da semana



Prata da casa

A Académica de Espinho recrutou o técnico espinhense Luís Canelas para o hóquei em patins. Trata-se de um regresso ao clube, com a finalidade de uma época ainda melhor que a anterior. Por outro lado, recorde-se que João Ferreira, o técnico de futebol que transita da época passada no Sporting de Espinho, é de Guetim.



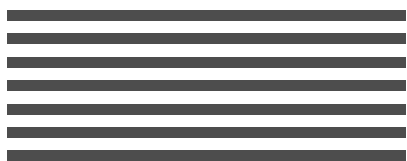
Vigilância na praia

Está assegurado o salvamento aquático operativo até final de setembro. A época banhar encerrou excepcionalmente, este ano, no fim de agosto, tendo cessado também a responsabilidade dos concessionários em manterem os postos de nadadores-salvadores para assistência a banhistas. Todavia, a autarquia municipal entendeu continuar a assegurar uma resposta mínima de salvamento aquático até ao final de setembro. Em articulação com os Bombeiros do Concelho de Espinho.

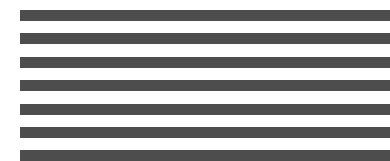


Casa em Ovar

Já estava anunciado que o futebol do Sporting de Espinho não iria continuar a jogar na "casa" emprestada em Fiães, rumando agora a Ovar para disputar na qualidade de visitado o Campeonato de Portugal de 2020/2021. Os "tigres" andam com "a casa às costas" até ao futuro estádio municipal.



CASINO ESPINHO




ADIRA AO PRIVILEGE CLUB CASINOS

É GRATUITO, INCLUÍDO O CAFÉ!*

ADIRA JÁ GRÁTIS
www.gruposolverde.pt

*Oferta do café em exclusivo aos membros Privilege Club Casinos. Disponível nas salas de jogo.

CASINO ESPINHO > RESTAURANTE BACCARÁ
(EXCEPTO SEXTAS E SÁBADOS)

FRANCESINHA À CASINO

***COM CERVEJA DE GARRAFA**
DISPONÍVEL NO RESTAURANTE BACCARÁ DO CASINO ESPINHO.
INCLUI PAGAMENTOS COM CARTÃO PRIVILEGE CLUB: 4,29 EUROS SOLVERDE.
FOTO MERAMENTE ILUSTRATIVA.




€4,9*
SETEMBRO

CASINO ESPINHO > BINGO SOLVERDE

DOUBLE CHEESEBURGER

***COM CERVEJA DE PRESSÃO**
DISPONÍVEL NO CASINO ESPINHO E BINGO SOLVERDE*
INCLUI PAGAMENTOS COM CARTÃO PRIVILEGE CLUB - 2,48 EUROS SOLVERDE.
*VALOR INCLUSIVE NA HAPPY HOUR | FOTO MERAMENTE ILUSTRATIVA.



Establishment
complying
with Health Measures
Portugal



destaque

TERCEIRA IDADE



Lares do concelho vivem momentos de apreensão, mas trabalham para que tragédia seja evitada

REPORTAGEM.

DESDE O APARECIMENTO DA COVID-19, OS LARES TÊM SIDO ALVO DE MUITA ATENÇÃO. SÃO O ABRIGO DA POPULAÇÃO MAIS VULNERÁVEL À DOENÇA E TIVERAM, DE UM MOMENTO PARA O OUTRO, QUE REFORMULAR AS REGRAS DA INSTITUIÇÃO.

Alguns dos lares do concelho de Espinho estão, desde o início da pandemia, a trabalhar para evitar que a doença entre nas instalações e contam ao Defesa de Espinho como está a ser vivida esta fase inesperada.

LISANDRA VALQUARESMA

SÃO A CASA DE QUEM está a viver a fase mais crescida da vida. Por norma, não têm quem os cuide, nem quem lhes faça companhia. Por isso, os lares são, para muitos deles, o abrigo que mais precisam. E, nesta fase de pandemia, as casas que os acolhem tiveram que se reformular e adaptar para lhes garantir, para além do conforto, do carinho e da atenção, aquilo que, agora, é o mais importante: a segurança.

Um desses exemplos é o Lar São Francisco de Assis, em Anta. Completou o terceiro aniversário a 9 de agosto, num ano atípico de pandemia e rodeado por fortes medidas de contingência. Manuel Rocha, presidente da estrutura, confessa que esta tem sido uma situação difícil. “Ficámos muito preocupados quando se começou a falar desta situação e daquilo que estava a acontecer em alguns lares do país. Esta é uma guerra mundial em que o inimigo é invisível. Começámos a ouvir comentários de alguns casos e nós sentimo-nos mal”, diz Manuel Rocha ao lembrar o aparecimento da Covid-19.

Desde o início, rapidamente se percebeu

que havia medidas rigorosas a tomar. É em locais como os lares que se encontra a população altamente vulnerável à doença e, a possibilidade de o vírus entrar nas instituições, é o início de uma infeção que pode alastrar a todos os utentes. Deste modo, a estrutura residencial para pessoas idosas deu início a um plano de contingência que continua a cumprir.

Dos primeiros momentos, Manuel Rocha conta que conseguiram construir as próprias máscaras, uma vez que houve escassez dos produtos. “Na primeira fase, nós próprios fizemos as máscaras porque houve muita dificuldade para as conseguir e nós aqui somos muitos. Aqui trabalham 64 pessoas, é muita gente”. Foram escolhidas três colaboradoras, com mais requisitos para a costura, que utilizaram máquinas de costura e, juntos, conseguiram suprir essa necessidade. No entanto, “mais à frente foi possível ter algum apoio da Câmara Municipal de Espinho que nos ofereceu máscaras, bem como a Junta de Freguesia que colaborou na desinfeção das instalações”, revela o presidente do lar, afirmando que necessitava de mais ajuda, “mas isso já se sabe que se queixam todos um pouco”.

“Estamos sempre com receio de que alguma coisa possa acontecer. Nós aqui vivemos com o coração nas mãos.” – Manuel Rocha

Até ao momento, o lar não viveu nenhuma infeção. Tal facto é encarado como “uma enorme alegria”. O presidente da instituição diz que a realização de testes a todos os membros sempre foi uma preocupação e um objetivo. “Nós queríamos fazer testes, insistimos bastante e tivemos um apoio muito grande por parte do presidente da Câmara Municipal, o que para nós foi um alívio enorme. Fizemos os testes, correu tudo bem, mas ficamos sempre com aquela preocupação de que amanhã tudo pode mudar. Depois de os fazerem, ficavam todos contentes, mas eu dizia sempre que era necessário muito cuidado. E, neste momento, ainda existe essa preocupação”, esclarece Manuel Rocha.

O lar tem 80 utentes. Todos realizaram testes e todos sabem da atual situação que

se vive. Nunca lhes foi negada a informação diária do que está a acontecer e, muitos deles, “sempre estiveram concentrados na televisão, até porque há várias espalhadas nas divisões do lar”, como conta o presidente.

O facto de irem sempre acompanhando a evolução da pandemia ajudou, de certo modo, a que compreendessem a importância das novas regras e medidas. “Noto que os nossos idosos souberam encarar bem a situação, não desanimaram. Claro que faltou o apoio familiar, mas isso foi sempre colmatado”, tal como explica o responsável da instituição.

À semelhança do que aconteceu em todos os lares do país, após ter sido uma imposição decretada pelo Governo, o Lar São Francisco de Assis foi obrigado a suspender as visitas aos utentes. Com esta nova realidade, foram criadas alternativas de comunicação com os familiares dos idosos, de modo a estarem mais tranquilos e confiantes.

Assim, da habitual visita que todos conheciam, passaram a ser utilizadas as chamadas de vídeo, o Facebook e alguns chats de mensagens. Para além disso, a presença física dos utentes só era, nessa fase, permitida do lado de fora das instalações, através de separação por vidro do interior para o exterior.

Com algum receio por parte dos familiares, Manuel Rocha explica que “houve o caso de alguns que quiseram levar os idosos da forma como faziam antes, mas claro que isso não foi possível autorizar, uma vez que depois, quando regressassem, teriam que ficar em quarentena.”

Passada a fase do confinamento, foi possível realizar visitas. Apesar de se materem muitas precauções, foi autorizada a visita semanal de um familiar a cada utente, com a duração de 20 minutos.

Este período sem a possibilidade de receberem visitas obrigou a que o serviço de animação do lar fosse reforçado. Durante os últimos dois meses, a equipa de animação do lar passou a estar presente todos os dias na instituição, incluindo sábados e domingos, com o objetivo de tentar suprir a ausência das visitas, tanto de amigos como de familiares. “Tentamos repará-los, mas sempre mantendo a animação. Um grupo está numa atividade, enquanto outro está a fazer algo diferente. Uns jogam cartas, outros fazem desenhos, enquanto que outros gostam de contar histórias. Percebemos que a animação era uma das coisas que tínhamos que fazer. Eles sentindo-se ocupados não se estão a lembrar de nada. Acho que foi um bom programa que preparamos aqui no lar, acabando por ver que compensou e está a compensar”, diz Manuel Rocha.

“Hoje todos querem um trabalho, mas deve-se lutar sempre por aquilo que se gosta. Este não é um trabalho fácil, nem é para qualquer pessoa.” – Manuel Rocha

No lar todos têm uma rotina. A primeira fase do dia é o banho matinal que todos tomam antes do pequeno-almoço. Segundo o presidente, é uma das fases mais agitadas. “Eles sabem que não podem ser todos ao mesmo tempo. Todos têm a sua casa de



© SARA FERREIRA

Manuel Rocha tem 70 anos e é o presidente do Lar S. Francisco de Assis em Anta que vive preocupado com a atual situação pandémica



Pedro Nelson Sousa, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, defende a importância de testar os colaboradores dos lares

banho, mas precisam de ser apoiados e tentamos sempre intercalar nesta fase. Uma vez começa-se por uma ala, noutras alturas por uma ala diferente. E tem funcionado. Nós temos casas de banho preparadas para todos os idosos e isso é importante”, confidencia o presidente da instituição, aproveitando para contar uma história passada de um utente já falecido. “Nós tivemos connosco um utente que na hora do banho chorava sempre. A funcionária dava-lhe banho e ele chorava como uma criança. Como é natural, ela sentiu-se muito preocupada e chamou a atenção da coordenadora que acabou por falar com ele e descobrir que ele chorava de felicidade. Ele acabou por lhe confessar que sentir a água do banho era bom, já que no local onde ele estava anteriormente só lhe passavam uns paninhos para o limparem. Eu não gosto de criticar os outros lares, mas de facto, o banho é uma coisa muito importante”, conta.

De seguida, há sempre tarefas destinadas a cada um. “Uns vão para a sala de jogos em que eu, até na brincadeira com eles, chamo de casino. Outros gostam de ler, por vezes, mesmo aquelas letras pequeninas eles conseguem. Eu aqui criei várias salas porque sei que se torna saturante estar sempre na mesma. Digo sempre aos animadores para os dividirem pelas salas, consoante a atividade. Aqui ninguém faz nada contra a sua vontade, cada um faz aquilo que gosta. Nós temos computadores e alguns deles costumam ir para a sala

de informática, ao passo que outros gostam de ir ver aqueles filmes portugueses antigos”, conta o presidente do lar.

As várias atividades ao longo do dia acabam por ser uma forma de distração para cada utente e resultam, de forma eficaz, no descanso noturno, tal como explica Manuel Rocha. “Eles estão sempre ocupados e eu até costume dizer que o turno da noite que vem trabalhar deve sentir-se feliz. Quando o idoso está ocupado durante o dia, acaba por dormir e descansar bem à noite. Há alguns deles que a seguir ao almoço gostam de descansar um pouco e, como é natural, nós não vamos impedir isso. Mas, todos eles têm as suas atividades”.

Já com 70 anos, Manuel Rocha pretende encontrar alguém que, como ele, goste deste trabalho e que possa assumir o seu lugar. “Gostava que viesse alguém que assumisse isto porque a mim já me pesa. Tento preparar pessoas para que depois continuem. O meu maior gosto é que alguém dê continuidade a um trabalho que fui eu que o fiz. Há outros projetos que ainda gostava de pôr em prática, mas já são 70 anos”.

Apesar da intenção que demonstra em sair da instituição, Manuel Rocha revela que mantém uma relação muito especial com os seus utentes. “Quando entro no lar sei que é um dia perdido. Todos gostam de conversar comigo e têm ciúmes quando a atenção não é dividida da mesma forma. Um destes dias, es-

tavam sentadas duas utentes, um pouco afastadas uma da outra. Chamaram-me para falar, até porque todos os dias eles têm queixas para fazer e isso até se torna engraçado. Fui falar com uma das utentes e, como é normal, a conversa prolonga-se sempre. Quando reparei que a outra senhora já estava um pouco desesperada, tive de ir ter com ela. Disse-me logo que tinha sido a primeira a chamar-me. Tudo isto é engraçado porque eles têm um pouco de ciúmes”, revela o presidente da instituição.

A lidar com este tipo de população, Manuel Rocha confessa que aprendeu com o falecido e antigo pároco de Anta. “No que diz respeito a estes momentos posso dizer que aprendi muito com o padre Moura. Quando os idosos falavam comigo, eu acabava por dar sempre a minha opinião e o padre Moura, numa ocasião, disse que precisava de falar comigo. Aí explicou-me que esses idosos o que queriam era desabafar. Eles não queriam conselhos, queriam apenas alguém que os ouvisse, porque nesta idade eles já não querem conselhos. Essa foi uma experiência que me ficou e que procuro continuar aqui. É importante não tentar dar sugestões nem dizer que faríamos de outra forma, eles só querem desabafar. E no fim sentem-se aliviados e felizes”, explica o homem que está à frente da instituição.

Santa Casa da Misericórdia de Espinho gasta 70 mil euros para não deixar o vírus entrar

“Primeiro houve muita preocupação, depois muita ansiedade. Estávamos a lidar com uma população de risco.” É desta forma que Pedro Nelson Sousa, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, relata a primeira fase após a chegada da pandemia.

Estão, atualmente, na residência lar 110 utentes. Uma das maiores preocupações vividas foi a necessidade de fazer testes à Covid-19. “Os lares são autênticos barris de pólvora e eu sempre reclamei que era necessário testar e ter uma preocupação acrescida com lares, uma vez que é uma população de risco. Se o vírus entra nestas instituições é uma calamidade”, afirma o provedor da instituição.

A par com a importância da testagem, obter o material necessário e preparar o lar para eventuais casos positivos, foram algumas das inquietações vividas. “Houve uma grande preocupação de início, sobretudo em termos os meios de proteção adequados, nomeadamente os equipamentos de proteção individual. Foi um mês em que houve uma situação de muita ansiedade e angústia, justamente porque era essencial termos esses equipamentos e não era fácil obtê-los”, explica Pedro Nelson Sousa, confidenciando que preparar a instituição requereu várias decisões de uma mesa administrativa que “reunia três e quatro vezes por dia.”

Talvez o grande problema provocado pela inesperada pandemia tenha sido a gestão dos funcionários. “Numa altura que nós precisávamos de muita gente, foi a altura em que tivemos pouca. Com o confinamento, muitos profissionais tiveram que ficar em casa com os filhos, mas felizmente pudemos contar com alguns profissionais e até com alguns educadores de infância do centro infantil”, conta o homem que está à frente da instituição. A par com estas ajudas profissionais, o lar contou com a intervenção do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP)

destaque

que “possibilitou a admissão de pessoas para reforçar a assistência”.

Apesar de ter sido um momento de “pôr as mãos à cabeça”, a solução encontrada foi ter os funcionários a fazer horas extra. “A escassez de pessoal foi um dos maiores problemas. Para o resolver houve aqui muita gente que estava a trabalhar e que passou a fazê-lo durante mais quatro horas. Felizmente contamos com a boa-vontade das pessoas, algo que foi decisivo até as coisas se estabilizarem. Obviamente que essas pessoas tiveram que ser premiadas. Eu cheguei a dizer que nem queria saber quanto é que iríamos gastar, pois era o que fosse preciso. Agora posso dizer que o prejuízo da Covid-19 anda à volta dos 70 mil euros”, adianta Pedro Nelson Sousa.

Ainda que não tenha existido, até ao momento, algum caso de infeção entre os utentes, isso já não aconteceu com a equipa. Duas funcionárias ficaram infetadas. “Isso foi algo que ninguém podia evitar. A infeção vem de fora para dentro. As pessoas por muito cuidado que tenham estão sempre sujeitas, mas os equipamentos que essas pessoas utilizaram foi de tal forma eficiente que elas não infetaram ninguém”, garante o provedor confessando: “Digo sempre às pessoas para não baixarem a guarda porque isto ainda não acabou nem vai acabar tão cedo. Vamos começar a viver a altura das gripes sazonais e vai ser um problema. É normal haver gripes, mas vai haver aquela confusão do que será uma gripe ou não.”

“Esta pandemia alterou o paradigma das instituições” – Pedro Nelson Sousa

Quando ainda não existia a Covid-19, os lares estavam habituados a um tipo de rotina que hoje já não existe. Várias atividades tiveram de ser suspensas para, dentro das possibilidades atuais, darem espaço a outras. Neste sentido, a atenção teve de ser reforçada e o acompanhamento médico também. “Acho que agora as instituições têm que aumentar a dimensão dos serviços que prestam, nomeadamente os de saúde, para não engarrafar os hospitais. Nós evitamos idas às urgências porque a equipa que temos está relativamente treinada a tratar este tipo de população e sabe distinguir quando há necessidade de ir ao hospital ou não”, diz Pedro Nelson Sousa.

Consciente desta realidade, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho esclarece que “os lares antigamente eram para acolher pessoas de uma certa idade, que não tinham onde ficar, mas que chegavam com uma condição relativamente aceitável.” Hoje essas características são diferentes. “Posso dizer que mais de 80% das pessoas residentes que temos são dependentes. Ou fisicamente ou mentalmente, o que é cada vez mais vulgar. Este tipo de instituições quase que têm que ter um pequeno hospital, mas por muito esforço que façamos o Estado é que tem que definir o que pretende. Atendendo às necessidades, acredito que estamos a dar uma resposta positiva, mas não podemos ir mais além porque precisamos de meios financeiros para o fazer.”

Para além de lidar com as doenças físicas



comuns dos utentes, o lar da Santa Casa tem vindo a lidar, cada vez mais, com o aparecimento de doenças a nível mental. Segundo Pedro Nelson Sousa, “de 110 utentes, se calhar, 50 têm problemas mentais e há alguns que é muito complicado de gerir.”

Com esta pandemia, as regras dos lares mudaram, as visitas foram suspensas e tudo teve que ser repensado. “Nós aqui chegamos a ter a capela transformada em enfermaria que até agora nunca foi utilizada, mas tínhamos e temos tudo a postos caso seja preciso. Houve aqui três semanas que nem é bom recordar, pois andavam todos com uma tensão enorme. Nós sempre pensamos que se o vírus entrasse aqui dentro era uma tragédia”, conta o homem que está à frente da instituição e que percebeu que a falta de contacto físico nos utentes não foi fácil.

Estiveram sempre atentos ao que se ia passando. A informação nunca lhes foi negada, o que contribuiu para que entendessem melhor as imposições novas. “Nesta fase surgiu uma frase que eu acho muita piada. Alguém disse que nós éramos felizes e não sabíamos. Esta situação veio criar uma infelicidade na limitação do afeto e, para pessoas que estão isoladas, ainda mais” afirma o responsável da Santa Casa que entende que “o contacto é uma coisa de uma importância vital.” Para ele, “o beijo e o abraço são muito importantes” e entende que “para as pessoas que estão aqui custa muito, acabando por agravar ainda mais a questão dos problemas mentais.”

Foram, no total, dois meses sem visitas. Agora, é utilizado o método da divisória em que o familiar pode visitar o utente, mas sempre separados por um vidro na entrada do auditório.

Neste momento, o dia-a-dia é já um pouco melhor. “Eles circulam mais, vão ao refeitório em grupos separados, mas não têm aquilo que ajudava na qualidade de vida deles que eram as aulas de ginástica e o coro que se tinha formado há pouco tempo”, conta Pedro Nelson Sousa. Quando surgiu a ideia da ginástica confessou ter duvidado da eficácia deste tipo de aulas, nomeadamente junto de pessoas com mobilidade reduzida. No entanto, após ter assistido à primeira aula tudo mudou. “Quando vi a primeira aula percebi que aquilo,

para eles, era uma alegria. Disseram-me logo que apenas uma vez por semana era pouco. Para eles ter uma rotina é muito importante. Estas atividades são coisas que lhes dão gozo fazer. Eles sabem que amanhã têm o coro e no outro dia aula de ginástica, faz com que saibam que têm objetivos e coisas para fazer.” Contudo, com a chegada da Covid-19, “estes tipos de atividades foram interrompidos e, para eles, é uma diminuição da qualidade de vida muito significativa”, confessa o provedor.

Sempre a pensar na evolução da instituição, Pedro Nelson Sousa, tem ambição de ter um espaço exterior que seja um circuito de passeio onde os utentes possam passear, inclusivamente com a família. “Pedi à Faculdade de Ciências do Porto para fazerem um projeto e deram-me um orçamento de 500 mil euros. Nós já pensamos nisto há um ano e agora na pandemia dava muito jeito. Nós temos espaço exterior, mas gostávamos de o arranjar de forma paisagística, o que era ótimo para o estado de espírito e saúde mental das pessoas”, diz o responsável.



Lar S. José vive um dia de cada vez

O lar S. José, em Paramos, foi mais uma instituição que viveu e está a viver esta fase com angústia. Tem, neste momento, 28 idosos, oito homens e 20 mulheres.

Os primeiros tempos foram “um misto de emoções”. Quando realmente se começou a aperceber da gravidade da situação, houve “angústia, ansiedade e estado de alterca constante”, diz Ana Filipa Silva, diretora técnica da instituição. Apesar de alguma “inquietação e incerteza de como seria o dia seguinte”, tudo foi encarado como uma realidade, houve medidas que foram impostas, nomeadamente na prevenção e controlo do risco de infeção. “É

um trabalho contínuo, diário, até mesmo de hora a hora para mantermos o rigor nas medidas e novos procedimentos”, de forma a dar continuidade ao “quotidiano, à satisfação e à prestação de cuidados para quem trabalhamos”, aponta Ana Filipa Silva.

À semelhança das restantes instituições, as visitas foram suspensas, neste caso, dia 8 de março. Não foram autorizadas as entradas de pessoas externas ao serviço e as entradas foram apenas “ao estritamente necessário para a prestação dos cuidados e funcionalidades do serviço.”

Para alguns dos utentes, esta tem sido uma fase mais complicada. “Foi uma adaptação constante à nova realidade, com alguma ansiedade e dificuldade em aceitar e compreender as medidas de confinamento. Se para alguns utentes, devido às suas patologias, esta nova realidade não alterou o seu dia-a-dia, para outros foi e está a ser bastante impactante. As medidas restritivas, a mudança de hábitos e a alteração de rotinas, bem como o contacto com familiares, agravam estados anímicos, foro mental, emocional e psicológico”, confessa a diretora do lar.

Com as visitas a serem retomadas a 18 de maio, até lá foram utilizados os meios digitais. Atualmente, dentro do possível, as visitas acontecem com agendamento prévio e são apenas permitidas três visitas por dia, sempre em horários desfasados e num local já destinado para o efeito.

O dia 27 de abril foi o momento da realização do único teste na instituição. Aconteceu no âmbito de rastreios a lares e foi em articulação com o Município de Espinho. Ana Filipa Silva confessa: “há alguns dias que nos sentimos desprotegidos porque todos os cuidados que possamos e devemos ter, por vezes, parecem insuficientes. Não conseguimos controlar todos os fatores de risco perante um vírus invisível”.

Atualmente, a situação está a ser vivida tendo em conta as medidas de contingência e os procedimentos a cumprir. “Estamos com o pensamento constante de que não podemos desleixar os cuidados de higienização, etiqueta respiratória e uso de máscara, porque o mínimo descuido é uma porta de entrada. A angústia mantém-se, sobretudo quando restringimos contactos familiares, troca de afetos, através do abraço e do toque”, remata a diretora técnica. •



“Os utentes uns dias aceitam melhor, outros dias com mais relutância e frustração. Um pouco como todos nós que vivemos privados da nossa liberdade e direito de escolha.”

Ana Filipa Silva, diretora técnica do Lar S. José

4500 Espinho

ENSINO

Escolas iniciam atividades letivas a partir do dia 17 com medidas excepcionais



dos por blocos e procuraremos concentrar o 2.º ciclo da parte da manhã, ocupando a mesma sala e os alunos o mesmo lugar. Serão, certamente, algumas medidas que estão a ser implementadas em muitas escolas. Contudo, ainda esta semana, na sexta-feira, iremos ter uma reunião com a Proteção Civil Municipal e com a delegada de saúde pelo que poderá vir a ser alterada alguma coisa”, adianta José Ilídio Sá que assegura que “estamos a procurar seguir alguns princípios que já havíamos seguido em maio, com circuitos de circulação. Vamos procurar conciliar a parte pedagógica com a sanitária o que constitui, só por si, um enorme desafio”,

sublinha o diretor do AEMGA.

José Ilídio Sá dá como exemplo de algumas medidas aquilo que será implementado na escola sede:

“Iremos ter três entradas – a principal, a nascente e próximo do ginásio. Vamos rever o funcionamento do bufete e da cantina. Incentivaremos os alunos a trazerem um lanche e o almoço na cantina em situações em que seja inevitável. Irá ser utilizado, também, o take away”.

Por fim, o diretor do AEMGA irá tentar fazer com que os alunos “ou venham à escola de manhã ou de tarde”, mas garante que “em determinadas situações isto será impossível”. •



“Serão feitas reuniões presenciais com os pais e encarregados de educação, de forma a que conheçam a escola e como ela está relativamente ao novo modo de funcionamento.”
Ana Gabriela Moreira



“É importantíssimo que todos, seja da escola, dos alunos e dos encarregados de educação enfrentemos esta situação com a tranquilidade possível.”
José Ilídio Sá

A CERCA DE UMA DEZENA DE DIAS DO INÍCIO DO NOVO ANO LETIVO, AS ESCOLAS IRÃO APRESENTAR-SE COM UMA REALIDADE BEM DIFERENTE DAQUELA COM QUE NOS DEPARÁMOS HÁ CERCA DE UM ANO A ESTA PARTE.

Tudo irá mudar, até para a segunda fase dos exames nacionais que já teve início esta semana. O próximo dia 17 é apontado pelos agrupamentos de escolas Dr. Manuel Laranjeira e Dr. Manuel Gomes de Almeida para o início das atividades letivas. Contudo, a próxima semana poderá trazer algumas novidades e atendendo ao grau de exigência das medidas a implementar.

MANUEL PROENÇA

O AGRUPAMENTO de Escolas Dr. Manuel Laranjeira aponta o próximo dia 15 para o início das apresentações que irão decorrer em quase todos os ciclos de ensino. No 2.º e 3.º ciclos haverá apresentações neste agrupamento, uma vez que as escolas “terão um funcionamento diferente do habitual e, por isso, os alunos precisam conhecer os procedimentos”, sublinha a diretora do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira (AEML), Ana Gabriela Moreira.

No Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Gomes de Almeida (AEMGA), por sua vez, será feita a receção apenas aos alunos do 5.º, 7.º e 10.º ano.

Entretanto, as escolas estão a implementar algumas medidas extraordinárias nos procedimentos e no funcionamento, com base na

experiência vivida no final do ano letivo para os anos que foram contemplados com o ensino presencial.

No AEML “os circuitos estarão muito bem definidos” e, por isso, a diretora acredita que “tudo irá decorrer dentro da normalidade possível desde que os alunos e a comunidade educativa cumpram as regras estabelecidas”. Ana Gabriela Moreira adianta que “o número de alunos por turma não se alterou. No entanto, houve algumas turmas em que foi necessário dividir os alunos. As turmas terão, por isso, entre os 17 e os 30 alunos”.

Segundo a diretora do AEML, os horários do 2.º ciclo “estarão desfasados dos do 3.º ciclo e do secundário. No pré-escolar e no 1.º ciclo, metade dos alunos entrarão às 9 horas e a outra metade às 9h30. No 1.º ciclo o primeiro e segundo ano entram às 9h30 e o terceiro e quarto ano às 9 horas”.

Ana Gabriela Moreira considera que será muito importante que os pais e encarregados de educação do pré-escolar e do 1.º ciclo, “se possível, levem os meninos a casa para almoçar o que será uma considerável ajuda”. Na escola secundária, a diretora do AEML diz que “só irão almoçar os alunos que têm aulas de manhã e de tarde. Os restantes alunos poderão utilizar o take away e, por isso, terão de almoçar fora do estabelecimento de ensino”.

Por sua vez, no AEMGA, a direção irá procurar “desfazer os horários de intervalos e isolar os alunos por sectores da escola. No entanto, tudo irá depender de cada uma das cinco escolas do agrupamento que terá, naturalmente, a sua realidade”, considera o diretor, José Ilídio Sá.

Na Escola Dr. Manuel Gomes de Almeida os alunos “serão distribuí-



AGÊNCIA
FUNERÁRIA
LUÍS ALVES



Agora ao lado do meu filho, continuando a dar o meu melhor em prol das Famílias.

Estamos situados em Espinho na Rua 18, n.º 954.

Podem contactar-nos através dos seguintes números: 917263249 e 914249496.

4500 Espinho

OBRA



Irá arrancar em breve a remodelação da rua 19 entre a zona nascente da cidade e a rua 22

Conclusão da requalificação da Rua 19 prevista até 31 de agosto de 2021

Formalizado na última terça-feira de agosto o auto de consignação da empreitada da requalificação da Rua 19 entre o limite nascente do concelho de Espinho e a Rua 22, estão agora concluídas as diligências processuais para a requalificação do espaço público, a criação de espaços verdes, uma melhor e maior acessibilidade e mobilidade urbana, inclusive a promoção do uso ciclável e pedonal. A conclusão da obra está prevista para 31 de agosto de 2021.

A EMPREITADA foi adjudicada com um valor global de 1.774.665 euros e 61 cêntimos e tem o apoio de Fundos Comunitários no âmbito do Programa NORTE 2020.

Definindo a Rua 19 apresenta-se como um eixo estruturante no concelho, a principal entrada na cidade, a autarquia municipal assume um projeto de requalificação, elencando e priorizando intervenções.

Uma intervenção consiste na alteração do perfil das faixas de rodagem, mantendo as duas faixas de circulação automóvel, por trajetos não retilíneos a partir da rotunda da Avenida 32 no sentido nascente. E outra visa a criação de uma ciclovia bidirecional com 2,50 metros de largura em toda a sua extensão (aproximadamente um quilómetro), tendo em atenção a sua função hierárquica viária envolvente.

O projeto alude também à criação de espaços de proteção e de enquadramento paisagístico, associados à extensão dos percursos cicláveis e pedonais (faixa ajardinada), proporcionando ainda a substituição dos pavimentos na sua

totalidade, desde os passeios, às faixas de rodagem e áreas adjacentes. O projeto inclui a substituição e reposicionamento dos postos de iluminação pública (LED).

Entretanto, a autarquia dá nota de que com o novo traçado, “este arruamento adquire características mais orgânicas, no sentido de permitir velocidades mais seguras para a circulação pedonal.”

“Esta é a concretização de mais um compromisso assumido com a população do concelho de Espinho, no sentido da requalificação do território, da melhoria das acessibilidades, tendo em conta a componente ambiental, económica e social”, regista Pinto Moreira, presidente da Câmara Municipal. “É fundamental devolver o espaço público às pessoas, tornando a circulação automóvel menos agressiva em termos ambientais e em termos de segurança pedonal. Vivemos tempos de mobilidade urbana mais sustentável e é esse o caminho que vamos fazer na requalificação dos restantes eixos viários da cidade de Espinho” • LA

A promoção do uso ciclável e pedonal, a requalificação do espaço público, a criação de espaços verdes, uma melhor e maior acessibilidade e mobilidade urbana são os grandes objetivos da empreitada

365

DIAS
Prazo de execução da obra

“É a concretização de mais um compromisso assumido com a população do concelho de Espinho, no sentido da requalificação do território, da melhoria das acessibilidades”

Pinto Moreira

ENSINO

Obras na Escola Básica de Espinho 2 prontas no ano letivo de 2020/2021

A CONCLUSÃO das obras de reabilitação da Escola Básica de Espinho 2 está prevista para o decorrer do próximo ano letivo, correspondendo a um investimento de 1.374.878 euros, tendo ao abrigo do contrato de financiamento aprovado o valor elegível de 800 mil euros e uma comparticipação do FEDER a 85% no valor de 680 mil euros e apoio financeiro público nacional de 120 mil euros.

Trata-se de um projeto de reabilitação geral do equipamento e inserido na ampliação dos edifícios do Plano Centenário (ensino pré-escolar) através da construção de

um elemento de união dos volumes existentes, a ampliação do edifício norte para a concentração das salas do 1.º ciclo, de forma a permitir no total a criação de 5 salas de Jardim de Infância e 13 do 1.º ciclo do Ensino Básico.

As obras que decorrem na Escola Básica de Espinho 2 visam a criação de espaços adequados à qualificação do ensino, proporcionando sala de informática, cantina, biblioteca, espaço polivalente para reuniões, atividades culturais e de educação física, sala de professores e receção de pais. •

EPOCA BALNEAR

Salvamento aquático operativo até final de setembro

A CÂMARA Municipal de Espinho mantém a resposta mínima de salvamento aquático operativa até final de setembro, no quadro da época balnear que excepcionalmente, este ano, encerrou no último fim-de-semana de agosto. Entretanto, a autarquia dá nota de que a responsabilidade dos concessionários em manterem os postos de nadadores-sal-

vadores para assistência a banhistas terminou a 31 de agosto. Mas atendendo a que as condições meteorológicas continuam propícias à frequência das praias, por motivos de segurança e após avaliação de risco, a Câmara Municipal entendeu continuar a assegurar uma resposta mínima de salvamento aquático até ao final do mês de setembro, por proposta da APA – Agência Portuguesa do Ambiente e em articulação com os Bombeiros do Concelho de Espinho. •

DEFESA DE ESPINHO - 4609 - 3 SETEMBRO 2020



ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

SPORTING CLUBE DE SILVALDE

Convoca-se todos os sócios, do Sporting Club de Silvalde, para uma assembleia geral extraordinária, que decorrerá no dia 11/9/2020, pelas 21h00, no salão Polivalente da Junta de Freguesia de Silvalde, para apreciação e votação da seguinte ordem de trabalho:

1º) votação das contas do período de 29/9/2019 a 31/12/2019;
2º) votação das contas do período de 1/1/2020 a 31/7/2020
3º) eleição de novos corpos sociais para o período de 1/10/2020 a 30/9/2022;

4º) assuntos de interesse geral;

Notas: • caso volvidos 30 minutos, sobre a hora marcada para a reunião em primeira convocatória não exista quórum constituído, a Assembleia Geral reunirá, de imediato, em segunda convocatória, qualquer que seja o número de Associados presentes;

• a(s) lista(s) aos órgãos sociais, deve ser apresentada até ao início da assembleia, e composta por sócios ativos;

• a(s) lista(s) disporão de 15 minutos para apresentação do seu plano de atividades e orçamento para o biénio 10/2020 a 9/2022; Silvalde, 2020-08-27

PUB

4500 Freguesias

AMBIENTE

Anta e Guetim destacam-se no recorde concelho de resíduos verdes recolhidos

FORAM RECOLHIDAS mais de 77 toneladas de resíduos verdes no concelho durante o mês de junho, com destaque para as 64 toneladas provenientes da recolha porta-a-porta em Anta e Guetim. A autarquia municipal tem disponibilizado nas freguesias de Anta e Guetim a recolha porta-a-porta de resíduos verdes com a utilização de “mini-bags”. Em junho, o Município promoveu a recolha gratuita de resíduos verdes junto dos ci-

dadãos, dinamizando o projeto “Resíduos Verdes 2020” da Lipor, através de serviços gratuitos de recolha a pedido, porta-a-porta ou em sistemas de proximidade. No primeiro semestre de 2020, a recolha seletiva de resíduos verdes em Espinho permitiu encaminhar mais de 345 toneladas de resíduos verdes para valorização orgânica, permitindo a sua transformação e a produção de um adubo natural de alta qualidade. •

POLÍTICA

“Presidente da Junta nunca votou contra o orçamento municipal” – PS de Silvalde

“CONFORME tem vindo a ser hábito, alguns autarcas do PSD em Espinho recorrem à mentira e ao insulto para mascarar os seus erros, fragilidades e incompetências”, dá nota o PS de Silvalde. “Desta feita, um vogal do PSD de Silvalde, vem tentar contradizer as suas próprias afirmações e justificar o que toda a gente já percebeu – a Câmara Municipal de Espinho discrimina as juntas de freguesia que não são da sua cor política.” O PS de Silvalde assegura que o presidente da Junta de Freguesia de Silvalde nunca votou contra o orçamento municipal ou o estádio. “O vogal do PSD acaba por admitir e reforçar o que já havia dito em As-

sembleia de freguesia, quando referiu que Silvalde estaria a sofrer consequências por parte da Câmara Municipal em virtude das posições do presidente da Junta de freguesia. “Assim se compreende a mentalidade de quem prefere ver uma aprovação orçamental rápida em detrimento de um orçamento municipal debatido, esclarecido e forte o suficiente para resolver os problemas da nossa terra. Estranhámos, por isso, que se fale em inoperância quando, por exemplo, não fosse a postura ativa e dedicada e a política de proximidade desta Junta de Freguesia durante a crise provocada pelo novo coronavírus e os silvaldenses teriam ficado sem respostas sociais e de saúde, ignorados por uma resposta municipal sem expressão.” •

SAÚDE PÚBLICA

Destruídos dois ninhos de vespas asiáticas em Paramos

FORAM DESTRUÍDOS DOIS NINHOS DE VESPAS ASIÁTICAS EM PARAMOS: UM NA RUA DA DAGASTA, NA QUINTA-FEIRA DE 27 DE AGOSTO, E OUTRO JUNTO À EN109, NO DIA SEGUINTE, E QUE REPRESENTAVAM PERIGO PARA A SAÚDE PÚBLICA, TENDO INQUIETADO MORADORES E TRANSEUNTES.



Aspetto da Vespa Velutina

LÚCIO ALBERTO

O ALERTA para a existência de um ninho de vespas num pinheiro de um terreno da Rua da Dagasta foi dado por um residente. “Comuniquei há cerca de um mês aos serviços técnicos da Câmara Municipal de Espinho, mas como não estavam a ter resultado as várias tentativas que fiz para que viessem resolver a situação, contactei o presidente da Junta de Freguesia de Paramos”, relatou Acácio Marques Gouveia, de 80 anos. “Quase que tinha que pedir um requerimento ao Presidente da República, mas finalmente foi resolvido o problema. Vieram à Rua da Dagasta e destruíram o ninho que representava perigo para quem aqui vive e para quem por aqui passa. E também destruíram outro ninho de vespas asiáticas que existia na zona da EN109. E ainda bem!”

Ainda recentemente ocorreu uma ação que resultou na eliminação de meia dúzia de ninhos de vespas asiáticas, promovida pelo Município, em colaboração os Bombeiros do Concelho e Espinho. Desde o início do ano, o Serviço Municipal de Proteção Civil já registou a eliminação de 15 ninhos desta espécie invasora que constitui uma preocupação séria para as autoridades devido à sua ação predadora que coloca em perigo as abelhas autóctones e também a segurança da população. Segundo, os especialistas, o inseto tem grandes dimensões, a cabeça é preta com face laranja ou amarelada. O corpo é castanho-escuro ou preto, aveludado, com uma faixa fina amarela. As asas são escuras e as patas castanhas com as extremi-



© SARA FERREIRA

dades amarelas. O tamanho varia de acordo com o alimento, o lugar e a temperatura, é uma das maiores espécies de vespas. A rainha pode ter até 3,5 centímetros.

Na maior parte dos casos a picada pode ser tratada em casa. Para tal, segundo especialistas clínicos, é necessário remover o ferrão da abelha ou parte do inseto que possa ainda estar cravado na pele; lavar o local da picada abundantemente com água fria. Em caso de alergia é recomendável o recurso a analgésicos. •

“Alertei a Câmara Municipal de Espinho e a Junta de Freguesia de Paramos”

Acácio Marques Gouveia (80 anos)

⚠ A deteção ou a suspeita de existência de ninhos de vespa deve ser comunicada através do e-mail proteccao.civil@cm-espinho.pt, com a indicação do local “e sempre que possível anexar fotografia da vespa ou do ninho”, ou através do telefone 927 960 240



Aspetto dos ninhos

CLÍNICA MÉDICA DENTÁRIA
Dra. Rosa Neves

Clínica Geral com Ortodontia Fixa, Invisível e Implantes

Cheque-Dentista até aos 18 anos

Agora com serviço de Fisioterapia e Osteoetiopatia



CENTRO DE TERAPIA MANUAL
FILIPE RAMOS

Rua 29, n.º 696
 227 340 116 | 914 961 367

É do nosso mar



VOX POP

Os passadiços, a sul de Espinho, são um ponto de atração para muitos espinhenses e de muita gente que nos visita, sobretudo em tempo de verão. É um percurso agradável, no meio da natureza, que aproveita as praias e o mar (por uma área dunar) e, até, a zona protegida da Lagoa de Paramos.

O percurso dos passadiços liga o Bairro Piscatório a sul, a Paramos e Esmoriz, dando continuidade à ecovia, que vem do concelho de Vila Nova de Gaia e que atravessa a zona da esplanada de Espinho. Centenas de pessoas utilizam-nos diariamente, nas suas habituais caminhadas, juntando o útil ao agradável.

Passadiços entre Silvalde e Paramos unem paisagem ao bem-estar



© ISABEL FAUSTINO



Alice Alves,
Paramos

1 - É algo muito interessante, mas na minha opinião o passadiço está a ficar um pouco degradado. Se calhar, terão de o renovar durante o inverno. Por outro lado, andam por aqui muitos cães que deixam dejetos em cima do passadiço.

2 - Andar a passear nestes passadiços faz-me relaxar, pois aprecio caminhar e olhar para o mar e para as praias. É uma excelente oportunidade para vermos a natureza e a sua beleza. ●



Andreia Tavares,
S. Paio de Oleiros

1 - É uma infraestrutura muito boa, algo que podemos usufruir durante as manhãs de verão. É uma boa oportunidade para as pessoas caminharem, tranquilamente, à beira-mar. Porém, em alguns locais vai precisando de melhoramentos e de reparações porque o passadiço que faz a ligação a Esmoriz está muito melhor.

2 - O facto de se tratar de um passadiço junto ao mar e à praia é uma boa oportunidade para se caminhar e se respirar este ar. Privilegiam o contacto com a natureza o que é muito interessante e propiciam uma excelente paisagem. É isto que me traz aqui muitas vezes. ●



António Matos,
Viseu

1 - Sou um velho frequentador da praia de Esmoriz, pois vinha para cá quando era adolescente. A construção destes passadiços foi uma iniciativa muito interessante e boa porque permite passar por uma grande zona marítima num percurso muito agradável de se fazer. No entanto, noto que os passadiços na zona de Esmoriz estão mais bem conservados dos que os de Espinho. Sugeriria, por isso, que fossem substituindo algumas das tábuas que estão partidas e que houvesse limpeza ao longo do percurso. Já por cá passamos no início do mês e mantém-se o mesmo lixo pelo percurso, o que significa que não há uma limpeza cuidada. Gostaria de elogiar, também, as casas de banho que encontramos neste percurso, na praia de Paramos, que são um exemplo neste país. São limpas e asseadas.

2 - As grandes vantagens são, sobretudo, a nível de saúde. Por outro lado, as pessoas têm a oportunidade de estar em contacto com a natureza fomentando-se o respeito pelo meio ambiente. Constitui este percurso um ponto de atração para as pessoas que não são de cá, como é o meu caso, que venho cá, especificamente, para fazer este percurso nos passadiços. ●



António Roque,
Espinho

1 - Estes passadiços são excelentes e é por isso que eu os utilizo com muita regularidade. Penso que este ano ainda estão melhor do que nos anteriores uma vez que fizeram reparações e retiraram areia que estava em cima de alguns troços do percurso. Acho que deveriam ir trocando, com mais frequências, as tábuas que se encontram danificadas fazendo, assim, uma manutenção periódica.

2 - Para as pessoas é muito mais saudável fazerem as caminhadas ao longo destes passadiços. É um belo passeio à beira-mar. Julgo que isto traz muitos benefícios, também, ao concelho de Espinho, pois trata-se de um percurso que poderá ser feito pelos turistas. É, também, um benefício para os espinhenses. ●



Eduardo Maganinho,
Silvalde

1 - Foi uma obra muito bem conseguida e, por isso, é uma mais-valia para o concelho de Espinho e para as freguesias de Paramos e de Silvalde. Mas é sempre possível fazerem-se melhoramentos, mas acredito que não haja uma verba suficiente para isso.

2 - O principal benefício é o de proporcionar às pessoas o desfrutar da natureza. O percurso tem uma vista magnífica e é muito agradável

vel caminhar e ver o mar, a praia e toda a reserva natural da Lagoa de Paramos. Se as pessoas estiverem com atenção podem ver uma quantidade enorme de espécies – aves e de peixes. É uma boa oportunidade para se tirar partido de tudo isto, deixando-se o centro da cidade. ●



Manuel Rocha,
Vila Nova de Gaia

1 - Estes passadiços estão muito bons, à exceção de um pequeno troço que está coberto com areia. São passadiços bonitos e ótimos para se dar umas caminhadas.

2 - Têm muitas vantagens, quer para quem pretende caminhar como para as pessoas que querem usufruir das praias ao longo deste percurso. Pode-se apreciar uma excelente paisagem, além dos benefícios que trazem à saúde. Este ar respira-se melhor do que dentro de uma cidade. ●

1.

O que pensa dos passadiços entre Silvalde e Paramos?

2.

Quais as vantagens para o concelho e os benefícios que podem trazer às pessoas?

**CLÍNICA MÉDICA
DR. JOAQUIM MENDES
& FILHA, LDA**

CONTINUA EM ATIVIDADE NA RUA 14,
Nº 448 E EM EXPANSÃO DO SEU
CORPO CLÍNICO
FAZEM-SE DOMICÍLIOS
TLF. 227 341710 - TLM 939 449 380

PUB



opinião
Cláudia Brandão

Mulheres e crianças primeiro. Os velhos ficam para o fim.

Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto dos lares de idosos em Portugal. E que o fizéssemos em conjunto: com os partidos, as instituições de solidariedade social, o privado e o público, médicos, enfermeiros, psicólogos, profissionais de geriatria, terapeutas ocupacionais. E, se calhar, deixávamos de lado os desabafos em off do primeiro-ministro, que são ótimas distrações caso estivéssemos a passar mais uma típica silly season (que não estamos), mas nos afastam do que realmente importa.

Ou devia. Será que os velhos nos importam? Quando me meto em ações de voluntariado, a questão que oiço sempre é “E as crianças? Coitadinhas, a passar por tanto”. Eu, invariavelmente, respondo: o que mais me custa são os velhos. Quando estive na Grécia, a prestar assistência aos migrantes que chegavam em barcos à ilha de Lesbos, vi muitas (demasiadas) crianças assustadas, encharcadas, em lágrimas. Depois de vestidas com roupa quente e seca e de alimentadas, era vê-las rapidamente a correr e construir brincadeiras do nada. Para elas, tudo ainda é passageiro, esquece-se rápido.

O que me ficou mais vincado foram os velhos. Os que se lançam em perigosas viagens sem a destreza que os anos e as

dores levaram, que passaram semanas escondidos em selvas, à chuva, para encontrarem a mínima força para se fazerem ao mar, sabendo que podem nunca chegar à outra margem. São os que dizem que não precisam de nada, que tratemos antes dos outros, porque eles não querem dar trabalho, e que agradecem mil vezes por pequenos (achamos nós) nada reconfortantes, de atenção. Que agradecem se houver apenas afeto. Penso sempre: o que é que ainda os move? Que esperança têm ainda? Quanto pesa, na sua cabeça, o futuro?

A regra é, como em todo o lado, mulheres e crianças primeiro.

Eu penso sempre mais nos velhos. Os meus heróis são as pessoas que escolheram que o seu dia-a-dia fosse passado a tomar conta dos mais velhos. E isso leva esta crónica aos lares e a tudo a quanto temos assistido de caótico e desumano assim que as portas destas instituições ficam entreabertas para a entrada do novo corona vírus. Não é pelos números, que muitos dirão que não são tão maus como isso. É pela propagação avassaladora.

Por muito que nos escudemos na ideia de que este é um vírus novo e dele sabemos pouco ou nada, era fácil olhar lá para fora. Mesmo ao lado, Espanha vivia já o caos das infeções em lares de idosos. Um total desastre a que era difícil pôr as mãos. Era, pelo menos, fácil antever o rastilho. Fecharam-se as portas a visitas, limitou-se o contacto ao mínimo, e deixou-se o afeto do lado de fora. Mas só se testou todos quando já havia um, dois, três casos, e foram aparecendo bem mais do que se pensava. Estava tudo cá fora ocupado com as festas dos miúdos, o público nos estádios e a distância dos guarda-sóis nas praias. Fecharam-se os idosos, sem perceber que os estavam a fechar com o vírus.

Não é um problema (apenas) de quem

deles cuida nos lares, que se desfaz em tarefas, que não sabe nem tem condições, mas faz o que pode. É o deixarmos que o destino seja esse, que não contemos com os velhos. É preciso olhar por quem cuida todos os dias, por quem não deixa - como deixar? - que o medo do vírus seja mais temido que o medo da solidão. Ser velho não pode significar estar só. Ser só. Não podemos deixar os velhos para o fim.

Eu penso sempre mais nos velhos. Os meus heróis são as pessoas que escolheram que o seu dia-a-dia fosse passado a tomar conta dos mais velhos.

Um Estado social cuida de todos. Todos importam, não apenas quem é ou deverá vir a tornar-se útil à economia do país. Mas cuidar não é apenas financiar outros, é fazer parte central do serviço e permitir que a dignidade seja mais do que um espelho da reforma de cada um. E se não se fizer deste tema um constante atirar de responsabilidades de uns para os outros, mais justa será a tarefa para todos. Que desumanos seríamos se, em tanto na vida, deixássemos de cuidar, deixássemos morrer, porque não é da nossa competência.

Se esta pandemia, e o seu efeito devastador nos lares de idosos, serve para alguma coisa, que sirva para pôr à frente dos olhos de todos as condições em que deixamos que eles se deixem ir morrendo. Com ou sem corona vírus. Que sirva para nunca mais. Porque não será, com certeza, apenas para Reguengos que deve-

mos olhar (e aqui a ressalva para os bons exemplos, claro, que vão escapando. Com uma ginástica hercúlea, com certeza).

Façam-se agora as vitorias todas que não foram feitas, dê-se formação específica para cuidar de utentes Covid positivos, organize-se as instalações e os recursos para lidar com possíveis novos surtos, mas também para o que ali é preciso todos os dias. Mas não se deixe as instituições desamparadas novamente. Não se deixe os velhos para o fim. Evoluímos tanto para que as pessoas vivam mais tempo...e depois? O que fazemos com o tempo ganho? Encostamos para canto? Ter uma maior esperança de vida deveria significar ter, igualmente e ainda, esperança na vida. De que a vida deles ainda importa.

Bem estruturada, não é nada descabida a proposta do Bloco de Esquerda, e que já muitos têm vindo - há muito - a defender, de criação de um serviço público de apoio domiciliário, em detrimento da institucionalização como regra. Para muitos, a instituição torna-se uma casa. Para outros, a palavra lar é algo totalmente diferente do que ali encontram. E o que eles sentem importa. Havemos de encontrar uma solução, da responsabilidade de todos os envolvidos, que seja tanto pela saúde como pela assistência social, e, o mais possível, pelo afeto. Como? Lá está, era bom que trocássemos - todos - umas ideias sobre o assunto.

Os lares de idosos são como uma casa velha: não falta pólvora para que deflagre um incêndio. Basta uma faísca para que, num piscar de olhos, tudo arda em pouco tempo. E ficamos cá fora a olhar porque, afinal...é uma casa velha, não é? Já teve a sua utilidade. Não ia ficar de pé muito mais tempo. Quem se importa? Vem aí uma segunda vaga da Covid-19. E está mais do que visto que de prevenção de incêndios percebe o país muito pouco. ●



DEFESA
DESPINHO
ESPINHO POR DENTRO

Encontre
aqui notícias
frescas e
locais!

ANTA
Cepsa (Altos Céus)
Papeleria Bessa (Rua 19)
Tecníopia (Av. 32)

ESPINHO
Papeleria ABC (Rua 19)
Jocorum (Av. 24)
Papeleria Duarte (Rua 18)
Livrália (Rua 23)
Papeleria Ávila (Rua 35)
Papeleria Avenida (Av. 8 / S. Pedro)

SILVALDE
Café Europa (Largo da Igreja)
Café Ferro (Estrada S. Tiago)

PARAMOS
Café Grilo (Rua da Quinta)

GUETIM
Papeleria Guetim (Rua do Rameiro)

necrologia

† Tânia Manuela da Rocha Duarte

AGRADECIMENTO E MISSA 7.º DIA



Seu pai, mãe, irmã, sobrinhas, cunhado e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas de suas relações e amizade, que tomaram parte no funeral da sua ente querida ou que de outro modo se associaram à sua dor. A missa de 7.º dia será celebrada sábado, dia 5, pelas 19h na Igreja Paroquial de Anta. Desde já agradecem, muito reconhecidamente, a todos quantos se dignem participar.

*Aos que partem desta vida a paz agora é eterna.
Aos que ainda aqui ficam, resta homenagear o legado que nos deixaram.*

Agência Fun.ª Maria de Lourdes - Anta - Espinho [Tlf. 227340609 - 966225173]

† Carlos Fernando Camarinha da Silva Pais

AGRADECIMENTO E MISSA DE 7.º DIA



A família vem agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido ou que de outro modo se associaram à sua dor. Comunica que a missa de 7.º dia se celebra hoje, quinta-feira, pelas 19:00 horas, na Igreja Matriz de Espinho, agradecendo a todos quantos participem na Eucaristia.

*Olga Amélia de Sousa Camarinha - mãe
Filipa Raquel Couto da Silva Pais - filha
Regina Teresa Gomes da Silva Fonseca - companheira
Isabel Alexandra Camarinha da Silva Pais - irmã
Olga Maria Camarinha da Silva Pais - irmã*

Espinho, 3 de setembro de 2020

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

† Guilherme Alves Luzes

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA



Rua da Estrada - Paramos

Seus filhos, nora, netas, bisnetos e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que participaram no funeral do seu ente querido, ou que de qualquer outra forma lhes manifestaram pesar. Comunicam que a missa do 7.º dia será celebrada, sábado, dia 5, pelas 19 horas na Igreja Paroquial de Paramos. Desde já agradecem a todos quantos participem nesta Eucaristia.

*José Gomes Luzes - filho
Maria Celeste Alves Gomes - filha*

Paramos, 3 de setembro de 2020

Funerária Henriques & M. Otilia - Esmoriz - Telf. 256 752 774 - Tlm. 914 096 243

† Joaquim de Oliveira Couto

MISSAS DO 30.º DIA



Ex-funcionário da Fosforeira

Sua esposa, filhos e restante família vêm comunicar às pessoas de suas relações e amizade, que serão celebradas missas por alma do seu ente querido, dia 6, domingo pelas 8 e 11 horas na Igreja Paroquial de Silvalde. Desde já agradecem a todos quantos participem nas Eucaristias.

Silvalde, 3 de setembro de 2020

*Maria de Lourdes Pinto Ruivo Couto
Ana Paula Pinto do Couto
Joaquim Manuel Pinto do Couto*

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

† Laura Moreira Pinto

AGRADECIMENTO E MISSA DE 30.º DIA



Seus filhos, noras, netos e restante família vêm agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido e na missa de 7.º dia ou que de outro modo manifestaram pesar. Comunicam que a missa de 30.º dia será celebrada dia 26, sábado, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho, agradecendo desde já a todos quantos participem na Eucaristia.

Espinho, 3 de setembro de 2020

*Joaquim Moreira da Silva
Maria do Carmo Moreira da Silva
Jorge Belmiro Moreira da Silva*

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

† Fernando Pinto Ferreira de Sá

MISSA DE 1.º ANIVERSÁRIO



Rua da Longa - Anta

Recordando-o com muita saudade sua esposa, filhos, genro, noras, netos e demais família vêm por este meio comunicar a todas as pessoas de suas relações e amizade, que será celebrada missa, por sua alma, domingo, dia 6, pelas 11 horas, na Igreja Paroquial de Anta. Desde já agradecem a todos quantos participem nesta Eucaristia.

*Esposa: Maria Zélia Teixeira Sá
Filhos: Custódio Sá, Rosa Maria Sá, Bruno
Fernando Sá*

Anta, 3 de setembro de 2020

Agência Fun.ª Maria de Lourdes - Anta - Espinho [Tlf. 227340609 - 966225173]



† ANTÓNIO DE OLIVEIRA PARDILHÓ

26 ANOS DE ETERNA SAUDADE

Completando-se 26 anos sobre o falecimento de António de Oliveira Pardilhó, serão celebradas missas em sua memória, na Igreja Matriz de Espinho.



† MARIA CELESTE ALVES DE OLIVEIRA

2.º ANIVERSÁRIO LUTUOSO - 8/9/2020

NOGUEIRA DA REGEDOURA

Filhas, genros, netos e bisnetos recordam com profunda saudade o seu ente querido, na passagem do 2.º aniversário do seu falecimento.



† AURÉLIO MARQUES DE RESENDE

25.º ANIVERSÁRIO LUTUOSO - 5/9/2020

NOGUEIRA DA REGEDOURA

Filhas, genros, netos e bisnetos recordam com profunda saudade o seu ente querido, na passagem do 25.º aniversário do seu falecimento.

† Lúcio Pimentel Fernandes (Ferroviário)

AGRADECIMENTO



Espinho (Rua 20)

Sua esposa, filhos, nora, genro, netos, bisnetos e restante família vêm agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido ou que de outro modo se associaram à sua dor.

*Maria Amélia
António Manuel Pimentel Fernandes
Maria Manuela Pimentel Fernandes*

Espinho, 3 de setembro de 2020

Agência Funerária Luís Alves - Rua 18, n.º 954 - Espinho Tlm: 917 263 249 / 914 249 496

FARMÁCIAS

Serviço de turnos do concelho de Espinho.
Das 24 às 9 horas (só para receitas do dia ou da véspera)

quinta 3 **Grande Farmácia** **227 340 092**
Rua 8, n.º 1025 - Espinho

sexta 4 **Farmácia Conceição** **227 311 482**
Rua S. Tiago, n.º 701 - Silvalde

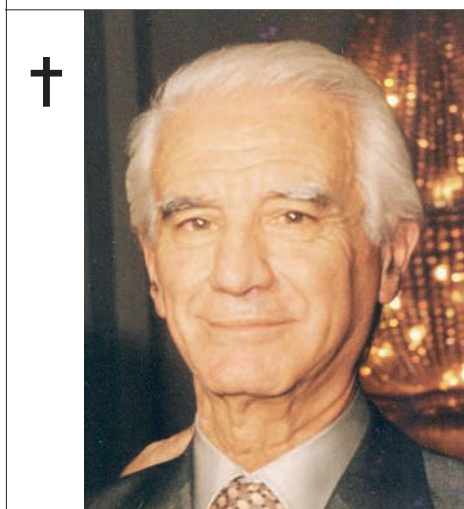
sábado 5 **Farmácia Mais** **227 341 409**
Rua 19, n.º 1412 - Anta

domingo 6 **Farmácia Machado** **227 346 388**
Av.ª Central Sul, 1275 - Paramos

segunda 7 **Farmácia de Anta** **227 341 109**
Rua Tuna Musical, 907 - Anta

terça 8 **Farmácia Teixeira** **227 346 388**
Centro Comercial Solverde/1 - Av. 8 - Espinho

quarta 9 **Farmácia Santos** **227 340 331**
Rua 19, n.º 263 - Espinho



MANUEL GONÇALVES DA FONSECA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO

A família vem por este meio comunicar a todas as pessoas de sua relações e amizade que será celebrada missa por alma do seu ente querido dia 9, quarta-feira, pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho.

Desde já agradece a todos quantos comparecerem.

Espinho, 3 de setembro de 2020

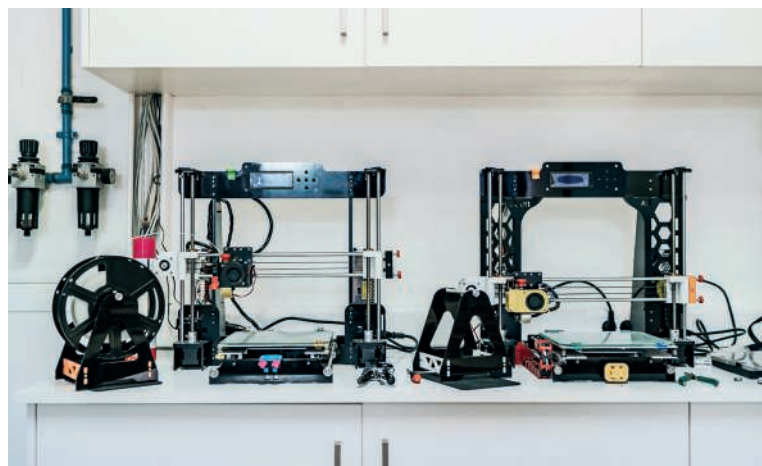


Valdemar Martins, pai de 6 filhos e avô de 8 netos, professor do ensino básico e secundário, projetou e dinamizou a Escola Profissional de Espinho, agora gerida pela sua filha Sofia Oliveira Martins

EDUCAÇÃO

Três décadas ao serviço do ensino profissional

A ESCOLA PROFISSIONAL DE ESPINHO (ESPE), COM AMPLAS E MODERNAS INSTALAÇÕES NA RUA 27, ASSUMIU UM PAPEL IMPORTANTE NO COMBATE À PANDEMIA (COVID-19), TENDO COLOCADO OS SEUS RECURSOS HUMANOS E TÉCNICOS AO SERVIÇO DO CONCELHO E DO PAÍS, TENDO DOADO VÁRIAS CENTENAS DE VISEIRAS A INSTITUIÇÕES NO ANO EM QUE ASSINALOU TRÊS DÉCADAS DE ATIVIDADE.



© SARA FERREIRA

LÚCIO ALBERTO

“A PEDIDO do Centro Hospitalar de Gaia/Espinho, imprimimos nas nossas impressoras 3D e entregamos em menos de 24 horas vários suportes protetores de orelhas para máscaras de proteção individual”, revela Sofia Oliveira Martins, que gere a Escola Profissional de Espinho e a Escola Profissional de Cortegaça e é diretora pedagógica do Externato Oliveira Martins. Bombeiros, Unidades de Saúde Familiar, PSP, juntas de freguesia, Cruz Vermelha, entre outras, etc., usufruíram do contributo dos recursos humanos e técnicos da Escola Profissional de Espinho, cujos 30 anos ao serviço do ensino conferem reconhecimento do universo educativo nacional. “As primeiras escolas profissionais em Portugal inauguraram em 1989, numa fase em que não existia nenhuma verdadeira alternativa ao “ensino liceal” e em que a taxa de escolarização no nível secundário era de apenas cerca de 30%”, dá nota Sofia Oliveira Martins. “As escolas profissionais surgiram como uma alternativa muito válida, dando resposta à necessidade de centenas de jovens que não se reviam no modelo seletivo, teórico e abstrato do ensino, que funcionava apenas como meio para o acesso ao ensino superior.” A Escola Profissional de Espinho inaugurou apenas um ano depois, em 1990, “e desde então tem dado o seu forte contributo na formação de jovens competentes ao nível técnico e humano”, não só do concelho de Espinho, mas dos concelhos limítrofes, como Vila Nova de Gaia, Porto, Castelo de Pava, Arouca, Vale de Cambra, Ovar, Santa Maria da Feira, S. João da Ma-

deira, Oliveira de Azeméis, Estarreja, entre outros. “O elevado número de jovens que nos procura anualmente reflete o reconhecimento regional e mesmo nacional da ESPE. Também a comunidade espinhense não fica indiferente à nossa escola e ao nosso projeto que, a par dos dois agrupamentos de escolas do concelho e da Escola Profissional de Música, constitui uma alternativa de valor e de inovação para os jovens que procuram uma formação profissional nas diversas áreas que oferecemos.” A ESPE é por mérito e pelas três décadas de atividade um exemplo do ensino profissional em Portugal. “O projeto educativo da ESPE assenta em alguns objetivos que fazem dela um exemplo do ensino profissional”, frisa Sofia Oliveira Martins. “Vive para os alunos e pelos alunos, colocando-os no centro da sua atividade; dedica-se a formar jovens com competências técnicas e humanas, preocupando-se também com as chamadas *soft skills*; aposta na inovação, tanto pedagógica como de equipamentos; aposta na formação dos seus professores; construiu uma forte rede de parcerias com empresas e outras instituições; e adota uma gestão assente num acompanhamento de proximidade dos seus alunos e professores.”

A atividade da ESPE abrange alunos espinhenses e também alunos oriundos de concelhos periféricos. Não se afigura num quadro de concorrência ao ensino público em Espinho, mas “enche” Espinho durante o ano letivo com alunos provenientes de outros quadrantes geográficos. “O ensino profissional só iniciou nas escolas secundárias públicas muitos anos depois, no ano letivo de 2006/2007, já as escolas profissionais acumulavam uma longa experiência nesta modalidade de ensino. As características das escolas profissionais, nomeadamente o facto de se especializarem apenas nesse tipo de ensino, de as suas instalações e equipamentos serem específicas para os cursos profissionais que oferecem e a sua autonomia pedagógica, administrativa e financeira, com liberdade de contratação dos seus professores e formadores, muitos deles ligados ao mundo empresarial, fazem com que o ensino profissional seja necessariamente distinto nas escolas profissionais ou nas escolas secundárias públicas. Os dados disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência atestam isso mesmo.” A ESPE inaugurou-se nas suas instalações da Rua 36, tendo mais tarde

crescido para as suas instalações da rua 30 e, durante diversos anos, funcionado em dois polos, embora mantivesse o desejo de vir a funcionar em instalações com capacidade para ter todos os seus alunos, professores e serviços unidos. Foi no ano de 2013/2014 que inaugurou as suas novas e atuais instalações na rua 27, que ainda assim têm vindo a aumentar e a inovar. Os seus serviços têm também crescido e sido diversificados, com destaque para o seu Gabinete de Projetos Europeus que emprega uma dezena de técnicos superiores e tem em desenvolvimento várias dezenas de projetos com uma aposta recente nos projetos de mobilidade que proporcionam aos jovens uma experiência internacional noutra escola, que muito contribui para a sua formação integral. Entretanto, realce especial para o seu Centro Qualifica que, descentrando-se dos jovens, centra-se nos seus pais e restantes adultos que não tiveram as devidas oportunidades de qualificação escolar e profissional. A ESPE tem também um departamento de Qualidade responsável pela implementação do Sistema de Qualidade alinhado pelo quadro EQAVET. •



A taxa de empregabilidade dos nossos cursos é elevada, embora variável, com especial destaque para o nosso curso profissional de Mecatrónica, cuja taxa de empregabilidade é de 100%, tanto a nível regional, como nacional e mesmo internacional”

Sofia Oliveira Martins



defesa-ataque

ENTREVISTA

“Sporting de Espinho é um clube que me toca em tudo!”



© FRANCISCO AZEVEDO

ELISEU PINTO É UMA DAS REFERÊNCIAS DOS BONS VELHOS TEMPOS DO FUTEBOL DO SPORTING DE ESPINHO, CLUBE POR QUEM NUTRE “ADMIRAÇÃO E CARINHO”.

Nascido no Porto há 60 anos, o lateral que sobressaiu com o emblema do tigre tinha jogado na formação do FC Porto e como sénior também envergou as camisolas do Leixões e do Salgueiros, concluindo a carreira no Feirense. Há duas décadas projetou uma escola de formação em Anta, onde é exemplo para quem sonha com o futebol de alta competição, ou simplesmente praticar desporto sem descurar a formação social. Ou Eliseu Pinto não se assumisse como “pacato” e defensor da respeitabilidade.

LÚCIO ALBERTO

Quando é que Eliseu Pinto deu os primeiros pontapés na bola? Na rua ou num campo de futebol?

Na rua! Bons velhos tempos! Não propriamente na rua, mas num terreno junto à rua e ao Bairro da Polícia, na zona do Cerco do Porto. O bairro tinha seis blocos habitacionais e cada bloco tinha um espaço mais ou menos plano. Era assim nessas “arenas” que nós fazíamos a nossa introdução ao futebol. Estamos a falar da década de 60 e aque-

les blocos pareciam “enxames”, pois cada família teria quatro ou cinco filhos e na altura de recreio, ou de férias, havia uma imensidão de miúdos de variadíssimas idades e dava sempre para se fazer jogos adaptados às circunstâncias e necessidades. Era mais ou menos próximo da Estrada da Circunvalação, no Porto, mas também aventurávamo-nos a jogar num ou noutro sítio um pouco mais longe. Nesse tempo não passavam muitos carros junto ao bairro e quando passava algum dava perfeitamente tempo para se parar de jo-

gar à bola e voltar a jogar porque só passada uma enormidade de tempo é que voltava a passar outro carro...

Entretanto, o tempo passou e o “desafio” passou para outros campos e outras exigências competitivas. Quando, como e onde é que foi encetada a carreira de futebolista?

Foi em 1974, no Campo da Constituição, quando fui prestar provas ao futebol de formação do Futebol Clube do Porto. E confesso que só fui porque entre os meus coleguinhas de jogo de rua houve um que foi tentar a sua sorte e incentivado por ele também lá fui. Foi esse colega de infância e adolescência o “motor” da minha ousadia em ir treinar às sessões de captação do Futebol Clube do Porto e que eu achava que não tinha capacidade para tal.

E esse colega também seguiu a carreira de futebolista no FC Porto? Ou noutro clube...

Não, curiosamente não. Mas foi decisivo na minha carreira. Eu sempre fui um miúdo pacato, reservado e um pouco tímido. E esse passo de ir a um sítio qualquer, ou expor-me daquela maneira, era muito difícil para mim. De facto, foi ele que me incenti-

vou. Fazíamos o trajeto quase todo a pé desde o Cerco do Porto até à Rua da Constituição, apanhando apenas um autocarro de permeio. Era uma situação que implicava outra logística muito diferente da atualidade.

Os treinos eram então num campo pequeno e pelado...

Muito pequeno e sem relva. Ainda joguei lá dois anos até passar para o campo de treinos do Estádio das Antas.

Quem foram os treinadores da formação de Eliseu Pinto? E quais foram as insígnias de campeão nacional?

António Feliciano, Carlos Alberto e Acácio Carneiro e havia o supervisor Artur Baeta. Fui campeão nacional de iniciados e juvenis. Só não consegui ser campeão nacional de juniores, tendo sido vice-campeão.

Quais eram as referências de colegas nos tempos do futebol de formação e que se viriam também a notabilizar nos seniores?

O Zé Beto e o Adão foram aqueles que atingiram maior dimensão em termos de carreira.

E depois do equipamento azul e branco? Não podiam jogar todos na

“

Fui campeão de iniciados a central e foi curioso porque a minha estatura não era indicada para essa posição na defesa”

equipa de seniores...

Exatamente! Não podiam jogar todos! A passagem para os seniores é muito difícil, principalmente num clube como o Porto. Eu nunca teria tido uma carreira futebolística sénior se não tivesse contado com a insistência de Luís César, que era secretário-geral do Futebol Clube do Porto. Esse excelente senhor ia-me acompanhando. Recebi em casa uma acrata do Futebol Clube do Porto a dizer que continuava interessado nos meus serviços enquanto “não amador”, ou seja uma forma de dizer que dispensavam o atleta mas sempre contando com ele... No entanto,

era um modelo que já não valia de nada porque nessa altura acabara lei de opção. Portanto, o Futebol Clube do Porto optou pela minha dispensa e com toda a propriedade, mas o senhor Luís César telefonou-me para perguntar se eu queira continuar a jogar e eu respondi que sim. Disse-me então para eu pegar numa malinha e ir treinar à experiência ao Académico de Viseu. Eu era um miúdo com 18 anos e naquela altura fazer-se uma viagem entre o Porto e Viseu era bastante diferente do que é agora. Tive que apanhar um autocarro e chegar a Viseu com as chuteiras na mão para me identificar à pessoa que me foi esperar à central de camionagem. O técnico do Académico de Viseu era Mário Morais e a equipa já estava lançada em plena pré-época. Por isso, não era um miúdo que chegava entretanto e embora tivesse algum jeito e passava de repente a fazer parte do plantel quanto mais da equipa-base! Os planos já estavam traçados para uma equipa que queria sedimentar-se na primeira divisão. Mário Morais demonstrou-me que eu tinha alguma qualidade mas que não era o jogador que estava à procura, pois pretendia jogadores mais experientes. E assim, uma semana depois, voltei com a mala para casa no Porto.

Presume-se que ocorreu mais um telefonema de Luís César...

Assim foi! Telefonou-me de novo, perguntando como é que tinha corrido a experiência em Viseu e disse-me logo para ir ao Salgueiros. Mas o treinador Nunes Vieira também me disse que eu tinha qualidade, mas que estava à procura de alguém mais experiente e fosse para entrar logo na equipa. E assim fui embora novamente para casa. E até daquela vez não foi assim tão longe porque o Salgueiros era e é na cidade do Porto. **E não há duas sem três...**

De facto, mais uma vez o senhor Luís César não desistiu e eu até já tinha quase desistido. Eu tinha dificuldade em pedir o que é que fosse, mas tive a sorte de contar com o apoio do então secretário-geral do Futebol Clube do Porto. O terceiro passo foi o Leixões que era treinado por Hilário. Mas antes de abordar o técnico Hilário vi alguns treinos, mas não fazia sentido ir ver treinos e não me apresentar. Por isso, lá tentei. Treinando à experiência e acabei por ficar uma semana depois.

Despontou então um lateral-direito no Estádio do Mar, em Matosinhos, com o corredor aberto para uma carreira de registo?!

Foi no Leixões que me “mostrei” em cinco épocas fabulosas na segunda divisão e assim fui para o Salgueiros que então era da primeira divisão. E se não fosse o facto de o Salgueiros disputar a primeira divisão eu não teria trocado o Leixões! O técnico do Salgueiros era Octávio Machado,

que viria a ser substituído por um treinador que não aguentou até ao fim da época, dando lugar ao espinhense António Fidalgo que fez um bom trabalho. Porém, sofri uma rutura muscular e várias lesões ao serviço do Salgueiros.



Foi nos juvenis que passei para lateral-direito e até para lateral-esquerdo”

E foi depois do mar em Matosinhos e a dita “alma” salgueirista a carreira do futebolista Eliseu Pinto prosseguiu também junto ao mar, mas em Espinho...

Mas quando ingressei no Sporting de Espinho passei a jogar no lugar de defesa-esquerdo, porque o Raul estava a ser transferido para um clube da Madeira. Criou-se assim uma lacuna momentânea. Havia um lateral, o brasileiro Dário, mas era preponderantemente defensivo e eu avançava mais no terreno. E assim joguei nas duas posições de lateral no Sporting de Espinho, ora à direita, ora à esquerda!

E sob a orientação técnica de diversas figuras do futebol nacional...

Por exemplo, Hernâni Gonçalves, Edmundo Duarte, o Freitas, que jogou no Futebol Clube do Porto, e o António Simões, que jogou no Benfica, e Quinito.

Quais foram os registos positivos com o emblema do tigre?

Fomos campeões nacionais da segunda divisão. Tivemos duas subidas de divisão e outras tantas decidas na nove épocas em que estive no Sporting de Espinho.

Mas não foi junto ao mar que foram penduradas as chuteiras. Ainda havia algo de significativo para acrescentar na carreira?

Terminei a carreira no Feirense, onde joguei dois anos, porquê ainda me sentia em condições para jogar futebol.

E exemplo disso foi e é a cidade de Espinho e o clube?

Eu sentia-me muito bem aqui em Espinho e no Sporting de Espinho. Tive a felicidade de pertencer ao longo de nove anos a grupos excepcionais de atletas, treinadores e dirigentes. Devo dizer que por força dos bons momentos que passei aqui enquanto jogador posso considerar que esta terra também é minha. É a terra em que me revejei e só não vim antes morar definitivamente para Espinho por razões profissionais. E agora cá estou, apesar de ser natural do Porto e de lá ter as minhas raízes. Mas pela perspectiva economicista teria valido



Eliseu Pinto vestiu a camisola dos tigres e foi capitão de equipa



A minha paixão é agora o futebol de formação e a Escola de Futebol ‘Os Baixinhos’, em Anta, tem sido a minha vida ao longo das últimas duas décadas”

mais ter investido na aquisição habitacional em Espinho, porque já o teria rentabilizado. Mas agora desfruto de novo desta excelente qualidade de vida que Espinho tem e que devia ter proporcionado aos meus filhos quando eram mais novos.

E, afinal, foram aqui vividos os melhores momentos da carreira de jogador de futebol...

Há amigos meus que se recordam das nossas experiências no futebol quase minuto a minuto, mas eu não tenho a visão alargada e, por vezes, até erro nos resultados... O que me prende são determinadas pessoas e a envolvimento que nós tínhamos, porque construímos grupos fantásticos no Sporting de Espinho.

Ficaram “perdidos” no passado alguns dissabores com a camisola do Sporting de Espinho?

A não subida à primeira divisão doeu mais do que qualquer descida. Foi naquele jogo decisivo com o Salgueiros. Nunca tinha sentido o estádio tão espinhense como nesse jogo no esboço dos anos 90 e o nosso técnico era Amândio Barreiras. Quando recebíamos o Porto, o Benfica ou o Sporting, noutras épocas, a lotação do estádio era mais de adeptos des-



Formar novos valores para a prática do futebol é o objetivo da Escola de Futebol ‘Os Baixinhos’, que também visa a formação social”

não me diz tanto como os outros e nos quais tive vivências e emoções que marcaram a minha carreira e a minha vida. Por exemplo, tenho amizades desde o tempo do Leixões, por exemplo, com Barbosa, Henrique, Bruno e Licínio. Cada vez que vou a Matosinhos é sempre especial, assim como quando estou em Espinho, onde também tenho amizades, talvez porque me ligue bastante às gentes vareiras. Ou seja do mar.

E desde o mar até outros horizontes, até onde iria Eliseu Pinto se os tempos de outrora fossem como os de hoje em que é mais frequente a transferência de futebolistas para mercados europeus e até asiáticos?

Os jogadores de hoje podem ganhar a vida no estrangeiro mais facilmente do que noutros tempos. No meu tempo não havia esse frenesim das transferências e nós ficávamos nos clubes onde nos sentíssemos bem e se nos pagassem razoavelmente bem e que eram mais estáveis para os jogadores serem profissionais.

Outros tempos?!

Depende da perspectiva de cada um e das conjunturas de cada um. Por exemplo, enquanto jogador do Sporting de Espinho consegui amealhar para a compra de um apartamento, mas hoje, provavelmente, os jogadores do Sporting de Espinho e de muitos outros clubes não conseguem ter esse peçúlio... •



Clínica Pacheco
DR. JORGE PACHECO

Clínica Dentária de Reabilitação Oral

IMPLANTOLOGIA (ALL ON 4) · CIRURGIA ORAL · ESTÉTICA DENTÁRIA
REABILITAÇÃO ORAL · ORTODONTIA (TB INVISALIGN)

Cheque-Dentista | EDP | SAMS | SAMS Quadros | Saúde Prime
Victoria Seguros | Future | Healthcare | Salvador Caetano

📍 Rua 8, n.º 381 Espinho 📞 227 342 718 / 929 074 937
🌐 clinicajorgepacheco@net.novis.pt

defesa-ataque

30 ANOS DOS DESNORTEADOS


“Nos Desnorteados, gostamos de apoiar o nosso clube e de nos divertirmos. Nós não temos o propósito de estragar tudo por onde passamos. Muitas das vezes os excessos são provocados por quem nada tem a ver com o grupo”.

Ricardo Novo "JC", Desnorteados

“A nossa relação com as direções do clube nem sempre foi a melhor porque sentimos que o SC Espinho foi muito maltratado”

A CLAQUE DO SC ESPINHO, OS DESNORTEADOS, ASSINALOU, RECENTEMENTE, O SEU 30.º ANIVERSÁRIO. ATUALMENTE COM CERCA DE OITO DEZENAS DE ELEMENTOS, A CLAQUE TEM ACOMPANHADO OS TIGRES, NOS BONS E NOS MAUS MOMENTOS. Ao longo do seu historial de três décadas, chegou a andar distante de algumas das direções do clube, mas atualmente mantém uma boa relação com o órgão executivo do SC Espinho e, sobretudo, com a equipa de futebol.

MANUEL PROENÇA

RICARDO NOVO, conhecido por 'JC', é um dos elementos responsáveis pelos Desnorteados. Há 17 anos na claque, conhece, em detalhe, o seu historial e a sua ligação ao clube.

No passado sábado, os Desnorteados assinalaram os seus 30 anos, implementando "todas as medidas preventivas e todas as precauções, num convívio entre alguns dos nossos elementos e alguns amigos da claque da Académica de Coimbra, 'Mancha Negra'", contou Ricardo Novo, lamentando não poderem ter feito algo com uma outra dimensão face às restrições devido à pandemia.

Ricardo Novo revelou que até já tinham preparado "uma coreografia especial para os jogos" e que têm consciência de que não poderá ser implementada tão cedo. "Poderá vir a ser executada no

primeiro jogo com público", adiantou aquele elemento dos Desnorteados.

"Há 30 anos havia dois grupos a apoiar o SC Espinho – a Juve Tigre e um outro grupo. O Manuel Tadeu e o Pipa decidiram organizar uma claque virada para o 'mundo ultra', com um outro espírito e voltada para o apoio durante os 90 minutos e para os festejos, acompanhando a equipa para todo o lado. O nome Desnorteados tem a ver com a nortada que habitualmente se sente em Espinho", recorda aquele responsável pela claque do SC Espinho.

"Nos Desnorteados, gostamos de apoiar o nosso clube e de nos divertirmos. Nós não temos o propósito de estragar tudo por onde passamos. Muitas das vezes os excessos são provocados por quem nada tem a ver com o grupo. Mas o nosso cartão de identidade é a festa que conseguimos fazer em qualquer lado", sublinha Ricardo Novo

garantindo que conseguiram "desmistificar a má ideia que a sociedade espinhense tinha dos Desnorteados".

Mesmo assim, os Desnorteados ainda vão-se sentindo marginalizados em alguns locais, fruto da 'fama' de algumas claques ligadas a alguns clubes. "Já nos fecharam estações de serviço e, até, restaurantes, por pensarem que nós poderíamos ter alguns comportamentos desadequados, o que me entristece. Algumas vezes até a própria Polícia não nos entendia, havendo, até, um pouco de repressão. Mas ultimamente tem havido por parte das autoridades uma melhor comunicação connosco. Muitas das vezes até nos contactam antes dos jogos e conversamos. Um dos bons exemplos foi, na época passada, na Trofa. Afinal nós só temos de ser vistos como normais adeptos de um clube", conta Ricardo Novo.

O percurso da claque ao longo de três décadas não foi fácil junto de algumas das direções do clube. "A nossa relação com as direções do clube nem sempre foi a melhor porque sentimos que o SC Espinho foi muito maltratado", dá nota o responsável pelos Desnorteados que destaca o trabalho que a atual direção, liderada por Bernardo Gomes de Almeida, tem vindo a fazer.

Relativamente à equipa e aos jogadores, os Desnortea-

dos só pedem o seguinte: "entrega, raça e amor à camisola. Gostamos de ter vitórias, mas sabemos reconhecer o esforço e, por isso, compreendemos alguns resultados menos bem conseguidos", salienta Ricardo Novo que garante que se o SC Espinho estiver bem, "é um clube que arrasta muita gente que gosta de ver a entrega dos jogadores dentro de campo".

Sem um estádio, o clube tem de jogar, sempre, em casa emprestada. No entanto, Ricardo Novo considera "jogamos sempre em casa, porque os nossos adeptos são mais dos que os da equipa que joga em casa". Contudo, o responsável pelos Desnorteados entende que "é muito complicado andarmos sempre com a casa às costas! Com um estádio na nossa cidade tudo seria muito diferente. Teríamos mais público nas bancadas e os adeptos tinham mais conforto. Esta situação atual não é benéfica para o clube e para a cidade", sustenta Ricardo Novo que deixa uma mensagem aos jogadores do SC Espinho:

"Este será um ano muito complicado. Mas espero que os jogadores se empenhem nos treinos. Espero, também, que se sintam bem no clube e que criem laços de amizade entre eles o que é apanágio no Espinho. Os adeptos e os Desnorteados estarão sempre do seu lado", conclui. •

João Pedrosa/Hugo Campos em 9.º lugar em Montpellier



VOLEIBOL DE PRAIA. A dupla de voleibol de praia espinhense, João Pedrosa/Hugo Campos, vice-campeã nacional, classificou-se no 9.º lugar do Open de Montpellier, etapa do Circuito Mundial de Voleibol de Praia (Beach Volley World Tour), ao perder com os italianos Alex Ranghieri e Daniele Sablone pela margem mínima (1-2: 13-21, 21-18 e 10-15), na eliminatória dos oitavos-de-final daquela prova. A dupla espinhense Guilherme Maia/Filipe Leite, que se estreou a nível internacional na prova francesa, classificou-se no 21.º lugar ao perder por 0-2 (19-21 e 15-21) frente à dupla holandesa Leon Luini/Matthew Immers, na primeira ronda da fase de qualificação. Os atletas portugueses viajaram para Montpellier acompanhados pelo seu treinador, Leonel Gomes. •

Miguel Ângelo (ex-Arouca) reforça os tigres

FUTEBOL. O médio Miguel Ângelo, ex-Arouca, é o mais recente reforço da equipa de futebol do SC Espinho. O jovem jogador de 22 anos, que ocupa a posição de médio central, oriundo das escolas de futebol do clube arouquense, já vestiu as camisolas do Estarreja, FC Porto, Paços de Ferreira e AD Nogueirense. Entretanto, o SC Espinho já anunciou que não irá realizar, este ano, o habitual Torneio Comendador Manuel de Oliveira Violas face aos "condicionalismos próprios da situação atual" e pelo facto de não se poderem realizar jogos com a presença de público. •

OS NOSSOS CLASSIFICADOS

APARTAMENTOS T0, T1, T2 e T3.

Totalmente equipados, com TV Cabo mais Sport TV, telefone, garagens, limpezas. Rua 62, n.º 156. Tlf. 227310851/2 - Fax 227310853

QUARTOS, c/ casa de banho privativa, c/ cozinha, pequeno-almoço, tratamento de roupa, garagem e TV Cabo mais Sport TV. Tlf. 227340002 ou 227348972.

OFF. BOM FIM DE SEMANA

Enoturismo: fazer a vindima, participar em todo o processo e saborear



Vindimas: tradição que perdura
No passado, a colheita da uva era encarada como uma celebração. Cada família marcava o seu dia de colheita, de forma a receber familiares e amigos. O objetivo era, depois, poder ajudar nas vindimas dos outros também.

A ÉPOCA DAS VINDIMAS ESTÁ AÍ. HÁ LOCAIS ONDE A APANHADA UVA JÁ COMEÇOU, MAS HÁ OUTROS QUE, PELA CARACTERÍSTICA DA VIDE, O PROCESSO FICA PARA MAIS TARDE. Seja mais no início ou no fim do mês, setembro é, por norma, o mês de excelência para fazer a colheita do vinho. Sendo Portugal um país cheio de tradição no que ao vinho diz respeito, surgem cada vez mais interessados em aprender e participar na colheita deste produto onde a oferta é tão vasta.

LISANDRA VALQUARESMA

Um pouco por todo o mundo, os produtores começaram a perceber que existem várias pessoas que se interessam pelo tema e pela atividade em si. Depois de se darem início a várias experiências, onde existia e ainda continua aquela tendência para a tradicional visita às caves seguida de prova de vinhos, hoje em dia há a possibilidade de fazer enoturismo.

Nada mais é do que uma forma de turismo, mas aliada ao mundo do vinho. É uma atividade que alia todas as vertentes do turismo e da cultura do vinho, resultando em experiências e conhecimento sobre as várias etapas do processo produtivo desta bebida, assim como dos seus aromas e sabores.

Desta forma, o Enoturismo convida o turista a vivenciar a cultura e a tradição local de maneira a contextualizar a importância histórica desta atividade agrícola na região. Assim, dependendo da região do país em concreto, há vários locais onde este tipo de turismo se pode praticar.

Este tipo de atividade pode ser uma boa escolha para passar um bom fim-de-semana e, assim, aproveitar para descobrir um pouco mais sobre este mundo tão característico do mês de setembro.

dia 1 **DE NORTE A SUL** há produtores que perceberam a potencialidade desde tipo de turismo. Neste sentido, existem várias quintas que abriram as suas portas para receber os mais curiosos. Por isso, se for este um dos programas que pretende escolher para o seu fim de semana, apresentamos-lhe várias sugestões. Uma das mais conhecidas é a Quinta da Avelada. Situa-se em Penafiel e tem experiências únicas, assim como vários serviços personalizados de acordo com cada cliente, grupo ou empresa. Segundo a própria organização, “entrar neste espaço é viajar através da história de uma família visionária, é contemplar a natureza esculpida em estado de paixão, é um novo quadro à passagem de cada estação e uma experiência inebriante para cada um dos sentidos.”

Aqui, neste espaço, não existem serviços habituais. Ou seja, a própria organização da quinta cria cada serviço/pacote de acordo com as preferências de cada um. Desta forma, se pretende escolher este espaço para fazer esta experiência de enoturismo, é necessário fazer marcação. Por lá existem vários tipos de serviços disponíveis, como por exemplo, visitas aos jardins históricos e propriedade vitivinícola, provas de vinho, atividades vínicas, cursos, workshops e muito mais.

dia 2 **OUTRO DOS LOCAIS** onde poderá dar início ao seu sábado fica em Amarante. É por lá que encontra o Monverde Wine Experience Hotel que detém a Quinta da Lixa. Este espaço é resultado de uma paixão antiga da família Meireles pelos Vinhos Verdes e oferece uma grande variedade de atividades, não só nesta altura de vindimas. No entanto, como a procura se intensifica nesta fase, este espaço promete dar a conhecer a história do vinho.

Para além do conhecimento teórico, é possível acompanhar o percurso de toda a produção do vinho, desde a colheita na vindima, até à fase final, com a tradicional prova. Pelo meio, poderá escolher saborear refeições temáticas, observação da fauna e flora selvagem e muito mais.

Aqui pode optar pelo programa da apanha da uva que se inicia às 10 horas da manhã e termina às 15 horas da tarde, ou então pelo programa em família, alguns workshops ou um programa vínico de autor.

Também em São João da Pesqueira existe a Quinta de Ventozelo, projeto que oferece a possibilidade de hotel. Para além de uma estadia habitual, é possível participar em atividades, fazer prova dos vinhos e divertir-se em programas de natureza e agricultura.

dia 3 **ONDE ESTÃO TAMBÉM HABITUADOS** a lidar com as vindimas e muitos curiosos que gostam de experimentar e ajudar é a Quinta da Pacheca. Neste momento, estão disponíveis dois programas diferentes que cada um pode escolher. Um deles oferece a oportunidade de pequeno-almoço, colheita da uva, seguida de almoço e prova de vinhos. O preço é o de 85€ por pessoa. Por outro lado, o segundo pacote tem o custo de 60€ e abrange uma visita guiada à Quinta da Pacheca, com oferta de provas de vinhos e jantar.



WOW – World of Wine
Está na zona histórica de Gaia e instalado nos antigos armazéns da Croft e da Taylor's. É considerado o novo quarteirão cultural da cidade e apelidado, por muitos, como a “Disneylândia do vinho”. Tem seis museus, nove cafés, bares e restaurantes. Para além disso, conta com a maior loja de chocolate da região.

Padarias, Pastelarias e muito mais...

OFF.



Cinema no sexto volume dos “Cadernos d’Espinho”

A história do cinema em Espinho, muito rica de experiências e múltiplas aventuras será contada no próximo volume dos “Cadernos d’Espinho”, o número 6 deste projeto editorial que vai ser lançado a 26 de setembro e em que os autores – Mário Augusto, Luís Costa, Armando Bouçon e Pedro Pinheiro – já anunciaram que vão recriar a primeira sessão de cinema que aconteceu em Espinho há 124 anos, precisamente no verão de 1896.

LÚCIO ALBERTO

“O PRÓXIMO ‘Caderno d’Espinho’, o número 6 desta coleção que tem animado a vida cultural da cidade e recuperado as histórias num registo que ficará na biblioteca de todos os espinhenses, vai ter um lançamento diferente desta vez porque é sobre o cinema na cidade”, dá nota Mário Augusto. “Na colaboração que temos mantido com este projeto, fazemos nesta edição um pré-lançamento dos conteúdos do novo caderno que terá o título ‘Lotação Esgotada’. São muitas as recordações e memórias que vão ser despertadas com esta leitura que é apenas um “Cheirinho” do que será a história a contar.”

O lançamento e local a anunciar, terá lugar no sábado dia 26 de setembro. Em exclusivo, lançamos alguns dos conteúdos que vão ser revelados na nova publicação.

A praia de Espinho foi a primeira estância balnear – e a terceira localidade do país – a contemplar as primeiras imagens de cinema, depois de Lisboa e Porto.

O Teatro Aliança – que se localizava na esquina da Rua Bandeira Coelho (Rua 19) e Avenida do Teatro (Rua 16), onde hoje fica a Caixa Geral de Depósitos – não foi apenas a primeira sala de Espinho onde pôde ver-se cinema. Foi também a mais importante sala

de exibição cinematográfica até à inauguração do Teatro S. Pedro no verão de 1947. Todavia, o Salão Avenida também tem o seu lugar – e um lugar insubstituível – na exibição de cinema em Espinho, pois foi no Avenida que se “estreeou” a exibição de um filme sonoro.

“O Cineteatro S. Pedro seria depois o nosso Cinema Paraíso, de boas recordações, nem todas sobre filmes ou ‘coboçadas’ de matiné”, diz Mário Augusto. “Há os filmes que vemos e que passam. Mas há outros que são eternos. E depois há as memórias de cada filme que ficam connosco e que estão para além do filme propriamente dito: o cheiro do cinema, o bilhete rasgado que se guardou com uma anotação mais ou menos codificada (que marca o tempo em que esse bilhete, anos depois, nos deixa entrar na memória do que ficou lá para trás), a guloseima ou o pirolito no intervalo dos filmes, nesse tempo em que os filmes tinham sempre intervalo. Basta recordar uma cena, lembrarmo-nos da companhia que tivemos nessa sessão, ou daquilo que o filme não mostra a mais ninguém e que guardamos em segredo, só para nós.”

“O Cineteatro S. Pedro era uma sala capaz de tudo isso, de nos remeter para a mais profunda intimidade, apesar de ser uma sala imponente”, realça ainda Mário Augusto. “Não há espinhense que lá te-

nha visto cinema que não tenha uma recordação do S. Pedro, nem que seja das cadeiras mais ou menos confortáveis conforme o bilhete comprado – sempre a melhorar da segunda para a primeira Plateia, e desta para o Balcão. Na Geral é que nem cadeiras havia; eram mesmo bancos corridos, duros como pedra, que o preço dos bilhetes não dava para mais. Mas era na Geral onde os mais jovens gostavam de ver os filmes, porque era bem lá em cima, quase colado ao teto, e o que faltava em conforto sobrava em diversão.”

“Quando lá iam ver um filme, em grupinhos, o prazer suplementar era lançar os papelinhos dos rebuçados ou as pratas dos chocolates para os lugares da Plateia, lá para baixo, sendo que os mais atrevidos arriscavam mesmo uma cuspidela – ou uma piada mais desconcertante e ousada – que tantas vezes desencadeava, algures da imensidão da sala, num sonoro ‘shiuu’ de quem estava mais concentrado na ação e trama do filme”. Relata Mário Augusto. “Os ‘engraçadinhos’, normalmente repetentes na sessão, daqueles que viam o filme mais do que uma vez, divertiam-se a simular momentos de interação com os atores das coboiadas, só para mostrarem que já conheciam as respostas dos atores em diálogos já decorados anteriormente.” ●



opinião
Arcelina Santiago

Palavras, palavras e mais palavras

Somos feitos de palavras. Elas são o nosso limite. Com elas nos exprimimos, atrás delas nos escondemos. Alguém disse um dia estas palavras que retive para sempre “As palavras são mentira reveladora, verdade tímida, meia verdade. Carregam a nossa impotência e embriagam-nos com o seu poder”. Será mesmo assim? Na verdade, elas são poderosas. Há aliás a velha máxima que nos diz que “palavras proferidas jamais serão esquecidas” e se forem escritas, será bem pior pois as outras podem ser levadas pelo vento!

Sabemos bem que a língua portuguesa contém um enorme universo de palavras. Elas são o nosso património, tão rico quanto tão vasto. Se analisarmos bem o nosso discurso enquanto falantes, saberemos que utilizamos apenas uma pequeníssima porção da vasta panóplia de palavras que constitui a nossa riqueza cultural ao alcance apenas do nosso desejo. Esta economia das palavras acontece por inação, por fracos hábitos dedicados à leitura, pela falta de curiosidade, noção de que sabemos o suficiente... Ficamos, deste modo, falantes arredados e desconhecedores deste grande potencial – a diversidade da nossa língua e os seus avanços – pois uma língua viva é assim mesmo. E a nossa dá provas de grande dinamismo!

Estar mais atento, mesmo com o recurso ao mundo digital, pode permitir-nos alargar o universo de palavras. Quantas mais palavras conhecermos, melhor poderemos expressar as nossas ideias, melhor poderemos interpretar as ideias dos outros e conhecêmo-nos melhor também. Centremo-nos no vocábulo “palavra” e, em seu torno, passemos a divagar um pouco.

Às vezes, falta-nos a palavra certa para expressar o que queremos, mas o que sabemos é que há palavras fortes e marcantes que determinam destinos: o “sim” na união matrimonial e “culpado” ou “inocente” num veredito final de um julgamento.

Se, como antes referi, “palavras levam-nas o vento” já a palavra de honra era, em tempos passados, um vínculo para sempre.

Há pessoas que tem o dom da palavra e, em três palavras dizem tudo e outras que, sem esse dom, usam e abusam das palavras que nos levam ao desesperado. Há mesmo os que, usando as palavras certas, no momento certo, nos enrolam de forma eficaz.

Quantas vezes ficamos já sem palavras perante uma situação absurda? E, se para bom entendedor, meia pa-

lavra basta, mil palavras não chegam para justificar o que consideramos injustificável.

Sabemos que há palavras com sentido figurado o que complica a interpretação, mas dão seguramente beleza à mensagem.

Há palavras que já entraram em desuso e outras que foram criadas, acrescentadas, mas não saberemos da sua existência se a curiosidade não for o nosso forte.

Passar a palavra pode ser, muitas vezes, uma forma de nos esquivarmos, dando a palavra a quem tem o dom da palavra. Dar a palavra aos outros e não monopolizar o discurso é algo generoso e sensato quando estamos a partilhar ideias.

As palavras soltas podem não ter sentido quando descontextualizadas, mas mesmo soltas podem constituir um belo poema.

Já agora, quem já não pediu a alguém para dar uma palavrinha, de forma a interceder num assunto?

De uma palavra amiga estamos todos à espera em tempos difíceis. Estas mimam, abraçam e aconchegam, em contraste com aquelas que se assemelham a pedras que ferem, magoam, insultam, lançam a mentira e a confusão.

Termino com um poema de Alexandre O’Neill sobre palavras – o mote desta minha mensagem, lançando um desafio aos leitores deste jornal. Neste verão tão especial quanto estranho, motivar a família e os amigos para tentarem, todos os dias, acrescentar novas palavras ao vosso léxico. Irão descobrir tantas palavras que podem substituir às habituais e tomarão desta forma, conhecimento de que muitas mais foram já criadas. Acreditem: irão ter muitas, muitas surpresas! ●

“Há palavras que nos beijam
Como se tivessem boca.
Palavras de amor, de esperança,
De imenso amor, de esperança louca.

Palavras nuas que beijas
Quando a noite perde o rosto;
Palavras que se recusam
Aos muros do teu desgosto.
De repente coloridas
Entre palavras sem cor,
Esperadas inesperadas
Como a poesia ou o amor.

(O nome de quem se ama
Letra a letra revelado
No mármore distraído
No papel abandonado)

Palavras que nos transportam
Aonde a noite é mais forte,
Ao silêncio dos amantes
Abraçados contra a morte.”

Alexandre O’Neill,
in “No Reino da Dinamarca”

OFF.

“Cut & Paste” de Monsenhor enVide neFelibata no FACE

EXPOSIÇÃO DE ARTE. Decorre até 25 de setembro, no átrio do Museu Municipal – Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE), a exposição “Cut & Paste”, do artista Monsenhor enVide neFelibata, com visitas de segunda a sexta-feira, entre as 10 e as 17 horas, e aos sábados das 15 e as 18 horas.

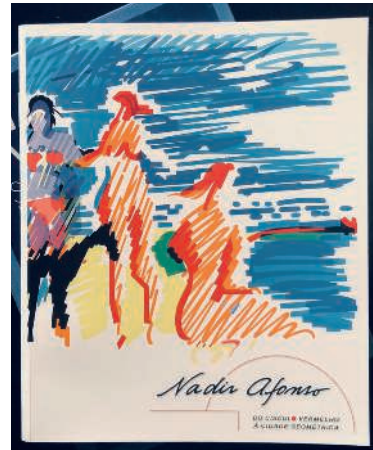
As técnicas de colagem nunca estiveram distantes do mundo da arte. A colagem é vista principalmente como uma técnica usada para criar arte visual bidimensional, mas, na sua essência, a colagem deriva da palavra francesa “coller” e significa “unir/colar” várias partes.

Pode ser uma forma de arte por si só ou parte de um projeto de técnica mista.

A colagem também pode ser encontrada na música ou na escultura e, às vezes, pode ser vista sob o nome de formas de arte semelhantes, como “pastiche” ou assemblagem, e pode também ser obtida por meios analógicos ou digitais ou ambos.

Para além de peças inéditas de Monsenhor enVide neFelibata, a exposição apresenta pela primeira vez diversos livros de artista do autor na íntegra, totalizando mais de 300 obras. ●

“Do Círculo Vermelho à Cidade Geométrica” no Museu Municipal



EXPOSIÇÃO EVOCATIVA. Decorre até 10 de outubro, nas Galerias Amadeo de Souza-Cardoso, do Museu Municipal – Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE), a exposição “Do Círculo Vermelho à Cidade Geométrica”.

Trata-se de uma “viagem” pelo percurso artístico de Nadir Afonso através do abstracionismo geométrico.

A exposição evocativa do centenário de nascimento de Nadir Afonso (1920-2020) conta com a curadoria de Laura Afonso e a organização do Museu Municipal de Espinho e da Fundação Nadir Afonso. ●

“De trás para a frente” na Biblioteca Municipal

BEBÉTECA. Foi marcada para as 11 horas de 19 de setembro, na Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva, uma sessão de Bebétéca. “De trás para a frente”, da Frenesim Associação Cultural, e tem como público-alvo as crianças até aos 3 anos. “E se fizermos uma viagem no tempo pela história da música e as suas

diferentes épocas, descobrindo os seus costumes, cenários, instrumentos e sons? Entre fantasia de cavaleiros e bailes de máscaras, valsas, e grooves para repetir, guitarras elétricas e baterias, e dança em câmara lenta com luz negra, as experiências e sensações vividas serão um turbilhão!” ●

“CAMINHOS DA POESIA”

Ester de Sousa e Sá apresenta coletânea de poesia e lendas luso-galaicas

Irá realizar-se às 15 horas do sábado de 5 de setembro, no auditório da Junta de Freguesia de Espinho, o lançamento da coletânea de poesia e lendas luso-galaicas “Caminhos da Poesia”, com compilação de Ester de Sousa e Sá.

A COLETÂNEA é prefaciada por Maria Manuela Aguiar e reúne 67 poetas de Portugal e da Galiza que, “numa partilha mútua”, segundo Ester de Sousa e Sá, “homenageiam a vida e a amizade entre pessoas de bem.”

O programa da iniciativa de Ester de Sousa e Sá contará também com interlúdios musicais de Ana Margarida Ramalho, Francisco Vieira e Napoleão Ribeiro.

Ester de Sousa e Sá dá nota de que o evento tem “a necessária autorização da Direção-Geral da Saúde” e “apesar dos condicionamentos, trará até nós alguns participantes da Galiza e não só.”

“Na continuação dum projeto por mim iniciado em 2018, que reuniu 28 poetas portugueses e espanhóis da Galiza”, Ester de Sousa e Sá recorda que “foi lançada em Espinho a primeira coletânea de poesia luso-galaica, que então, trouxe a Espinho poe-

tas da Galiza para celebrarem entre nós portugueses tal evento cultural.”

“Apraz-me dizer que foi um verdadeiro sucesso, com os amigos poetas do outro lado do Minho a aderirem ao meu projeto que, passou a ser de todos os participantes e em 2019, publicaram, na Galiza, ‘Poetas do Reencontro’, uma coletânea de poesia galaico-lusa”, regista Ester de Sousa e Sá. “Este projeto tem afirmação todos os anos alternadamente em Portugal ou na Galiza, com a publicação de uma coletânea de poesia, juntando poetas das duas margens do rio Minho. Porém, o intercâmbio cultural começou muito antes do projeto iniciado em 2018, esse foi apenas o resultado das muitas minhas idas à Galiza a convite de poetas amigos do lado norte do rio Minho, para participar em seus eventos culturais. Este ano turbulento de 2020, apesar de

todos os contratempos não previstos, em parte causados pela pandemia da Covid-19, contra ventos e marés, aqui estou para mais uma vez trazer a público a coletânea de poesia e lendas luso-galaicas ‘Caminhos da Poesia’. Poder-se-á dizer que, esta coletânea tem algo de inédito, uma vez que, aos poetas, foi-lhe dada a opção de participarem com poesia e/ou lenda narrada em forma poética.”

“Lendas anteriormente documentadas como património imaterial de cada região, renascerem nesta coletânea, poetizadas pelos poetas que acolheram o desafio que lhes lancei”, conclui Ester de Sousa e Sá. “Somos povos ibéricos, com as mesmas raízes e vinculados por um passado histórico inolvidável e esta, é uma partilha singularmente cultural entre povos irmãos, cuja objetividade é o estreitar de laços de cultura e amizade fraterna.” ●



“Somos povos ibéricos, com as mesmas raízes e vinculados por um passado histórico inolvidável”

Ester de Sousa e Sá

CLÍNICA DENTÁRIA DE ESPINHO
PROF. DOUTOR CASIMIRO
DE ANDRADE

RUA 22 (JUNTO À CÂMARA)
TLF. 227 344 909 / 968042300 / 919 002 700

Especialidade em Peixe de Mar
Os Melinhos
Restaurante Marisqueira

Rua 2, n.º 1269 - 4500-261 Espinho • Telef. 220193486 • Tlm. 916921089

Jorge Ferreira Bruno Morris
MÉDICOS DENTISTAS
SAMS QUADROS | SAMS | CGD | ADVANCE CARE | MÉDIS
Edifício S. Pedro - Sala W
Rua 23, n.º 174
22 734 86 93

RECEBA ESTE JORNAL EM SUA CASA!

Assinatura anual do jornal Defesa de Espinho, por €30.

Envie os seus dados pessoais para
comercial@defesadeespinho.pt
ou ligue 227 341 525 / 934 032 770

foto com memória

14 setembro 2000

Há duas décadas
Socorros Mútuos
de Anta aparecem
de 'cara lavada'

Há 20 anos, a Associação de Socorros Mútuos de S. Francisco de Assis de Anta inaugurou as suas 'novas' instalações que viriam a acolher os serviços de assistência médica prestados por uma equipa de especialistas. A efeméride foi assinalada durante as comemorações dos 95 anos daquela instituição, naquele que terá sido um momento marcante e de inovação. Manuel Rocha era o presidente da Direção e a equipa médica era chefiada pelo médico Ornelo Nazaré. As 'novas' instalações tiveram a bênção do pároco de Anta, o saudoso Padre Manuel Moura.



PRAIAS

Época balnear até 13 de setembro e eventos proibidos até ao fim do mês



De forma excecional, a época balnear deste ano, nas praias de Espinho, prolonga-se até ao dia 13 deste mês.

ESTA DECISÃO ficou a cargo da Câmara Municipal que resolveu prolongar o prazo que, anteriormente, terminava a 30 de agosto. De forma a ajudar os concessionários, o município vai pagar os custos relativos aos nadadores-salvadores.

Esta medida foi tomada após uma

proposta da Agência Portuguesa do Ambiente.

Desde o dia 1 de setembro estão interditos, também por decisão da Câmara Municipal, todos os eventos que promovam a aglomeração de pessoas e não respeitem as normas de distanciamento social decretadas pela Direção Geral da Saúde e pelo Governo. Esta decisão foi divulgada, através de despacho, e está em vigor até ao dia 30 do presente mês.

Esta proibição aplica-se a eventos que se realizem "em espaços abertos, espaços e vias públicas, ou espaços e vias privadas, nomeadamente eventos, espetáculos e celebrações de natureza cultural, desportiva, religiosa, assim como os desfiles, festas populares, manifestações folclóricas ou outras de qualquer natureza, promovidos pelas autarquias locais, entidades privadas ou associativas." •

AUTORIDADE MARÍTIMA

Rui Santos Amaral
rende Martins da Cruz

O capitão-de-mar-e-guerra Rui Santos Amaral é o novo Comandante da Zona Marítima do Norte e, em acumulação, Chefe do Departamento Marítimo do Norte, Comandante Regional da Polícia Marítima do Norte, Capitão do Porto do Douro e de Leixões e, por inerência, Comandante Local da Polícia Marítima do Douro e de Leixões. Rui Santos Amaral rende, no cargo, José Cruz Martins.

Rui Santos Amaral nasceu a 1 de fevereiro de 1966. Ao longo da sua carreira na Marinha, que teve início em 1985, desempenhou diversos cargos nacionais e internacionais nomeadamente, foi comandante das corvetas António Enes e Afonso Cerqueira e Chefe do Estado-Maior da Zona Marítima dos Açores, entre outros. •

TEMPO ESPINHO:

QUI • 3		27° 17°
SEX • 4		24° 16°
SÁB • 5		25° 16°
DOM • 6		26° 18°
SEG • 7		29° 18°
TER • 8		28° 17°
QUA • 9		27° 17°
QUI • 10		25° 16°

Fonte: www.ipma.pt

DADOS COVID-19

No concelho de Espinho há o registo de 135 pessoas infetadas com a Covid-19 e apenas **quatro casos** são considerados ativos. Contrariamente aos dados que eram anteriormente divulgados, agora sabe-se que existem **126 espinhenses recuperados**, desde o início da pandemia. Já o número de óbitos mantém-se – cinco casos confirmados até ao fecho desta edição.

ACADEMIA 20
ESCOLHA POR SI.

www.academia20.pt

VOCÊ COMPRA O JORNAL A INSCRIÇÃO É POR NOSSA CONTA

Esta edição da Defesa de Espinho traz um verdadeiro "exclusivo": na compra do jornal, fica isento da joia de inscrição na Academia 20! Basta apresentar-se nas nossas instalações, mostrar o jornal ou o recorte do anúncio e confirmar a inscrição*. Quer melhor notícia do que esta para começar a treinar?
*Campanha exclusiva para a edição Defesa de Espinho nº 4609. Oferta não inclui despesas de seguro obrigatórias.